D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

DEZ 2020 a JAN - 2021

#13





Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade

SEM ARTE
SUA VIDA PASSA EM
BRANCO

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Around the World



#13

BRAZIL - 2020/2121

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

Saudações! Apresentamos nossa 13ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

Catarse

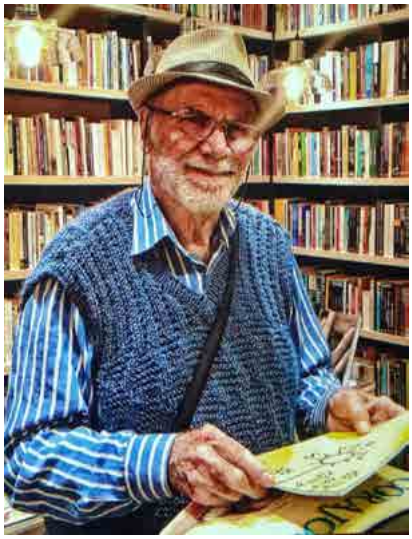
A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para digulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/





Nelson Bravo

cartas da mãe

BRAVO!

Um carinho imenso do teu irmão Hersil e da tua mãe D. Maria

HENFIL, PERSONAGEM DE PIRANDELLO


Divulgação

Como um desses personagens de Pirandello que nunca surgem distanciados da dor, que também é viver, o cartunista Henfil estreou no Pasquim, em 1969, atirando petardos gráficos cheios de humor e rebeldia pra todos os lados.

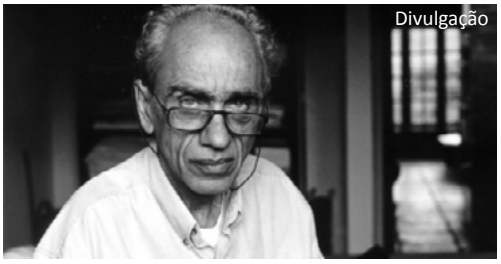
Numa ascensão vertiginosa, em dois anos já era o entrevistado das páginas amarelas de VEJA, disputando o espaço com celebridades como o escritor argentino Júlio Cortazar, o ditador líbio Muammar Kadhafi e o cineasta americano William Wyler.

Ante o seu flamejante talento, curvava-se até o implacável Millôr Fernandes. Artista de grande exigência moral e estética, Millôr, que reputava o humor como a culminância da inteligência humana, "rasgava seda" para ele dedicando-lhe uma página inteira na sua seção de VEJA de 17.1.73, algo impensável para um cartunista tão jovem. Como se diz por aí, Henfil mal subiu no ônibus e já ocupava o lugar na janela. Com todos os méritos, reconheçamos.

A primeira vez que vi o Henfil, pessoalmente, quase pisei na bola: ele descia claudicando a escadaria dO Pasquim, no Morro do Pavãozinho, Copacabana. Ia perguntar-lhe se levara um chega-pra-lá no futebol, mas me contive.

Na época, todos ignorávamos sua hemofilia, assim como a existência de seu irmão Betinho, sociólogo então exilado e perseguido pela dita-cuja militar, igualmente vítima dessa atroz patologia. Também jamais imaginaríamos que Henfil e seus irmãos não tiveram uma infância normal, como a de outros meninos: não podiam jogar bola na rua ou correr e brincar sem limitações.

Tudo era muito controlado. Até os móveis de casa eram acolchoados para evitar acidentes.


Divulgação

Betinho

Henfil surgiu discretamente para o Brasil ainda morando em Beagá, através do livro "Dez em Humor", lançado na noite de 13.12.68, onde estivemos presente, a convite do amigo Jaguar, no Bar do Veloso, Ipanema, ao lado de Millôr Fernandes, Jaguar, Ziraldo, Zélio, Claudius e Fortuna, futuras estrelas d'O Pasquim, que só nasceria seis meses mais tarde.

No meio da festa, alguém entrou no Veloso, deu a nefasta notícia de que a tv anunciara o AI-5 e se mandou. Quem pôde, escafedeu-se. Alguns autores do livro, saíram dali presos.

Ainda em Belo Horizonte, começou a trabalhar na gráfica da revista Alterosa. Quem o pressionou a criar seus personagens foi o escritor Roberto Drummond, diretor da revista. Flagrou-o rabiscando desenhos pra divertir os colegas e convidou-o para desenhar na Alterosa.

Antes de criar seus célebres personagens, Roberto era o único a acreditar nele. Apostou no jovem quando ele ainda duvidava de si mesmo.

Achava-se péssimo desenhista e seus rabiscos, a seu ver, só serviriam para ilustrar a coleção de desenhos de algum débil mental ou um catálogo de esquizofrênicos. Trabalhando na Alterosa, não conseguia se enquadrar. Pedia demissão todos os meses, mas seu chefe não aceitava.

Pior: envolvia a família do cartunista no frege, para obrigá-lo a prosseguir. Para alívio dele, quatro números e quatro meses depois, a revista fechou. Também foi Roberto Drummond quem criou seu nome artístico, façanha por ele evocada em crônica do Estado de Minas,



Antes de ser famoso, havia sido tricampeão da charge num concurso, em Minas. Cresceu e foi educado num ambiente muito católico, cercado de dogmas e tabus, verdadeira feijoada mineira de repressão.

Tudo era pecado e as labaredas do inferno e o capeta estavam sempre à espreita. Começou a Faculdade de Ciências Econômicas na UFMG, mas a abandonou em poucos meses. Estreou em publicidade, no início da década de 1960, trabalhando como ilustrador e produtor de histórias em quadrinhos.

Henfil estabeleceu fortes ligações com os frades dominicanos, pelos quais nutria grande afeição. Dois deles e seus amigos chegados, o inspirariam para criar os

Fradinhos, personagens de retumbante sucesso popular. Também seriam uma espécie de prêmio-consolação para sua mãe, d. Maria, que sonhava vê-lo ordenado padre. Espertamente, Henfil só usou hábitos eclesiásticos para vestir seus personagens.

No início dos anos 1970, mudou-se para o Rio, trabalhando n'O Pasquim e em outras publicações. Revelando incrível criatividade, teve uma ascensão meteórica.

O Fradinho Baixinho, seu maior sucesso popular, sádico, violento, cínico e sarcástico, seria seu alter ego e divã de Freud. Com ele, exteriorizava seus impulsos e agressividade primitiva.

Mas também seria um espelho para revelar o avesso das pessoas, que gostariam de estar em seu lugar e fazer o que ele fazia, se pudessem. Nele, descarregava suas reações impulsivas, inclusive as em que discordaria mais tarde.

Através do Baixinho, resgatava a criança que trazia nele, despejava sua visão cáustica da sociedade e dos homens, atacava figuras e instituições seculares. Baixava o pau na dita-cuja militar, desmascarava a hipocrisia dos falsos moralistas, sapateava no gogó dos poderosos e opressores.

Enfim, mostrava a sociedade no que ela tem de mais perverso e desprezível. O Baixinho, era ele, no presente. Mas ele também era o Cumprido, visto num retrovisor: ingênuo, carola, reacionário, careta, figura conservada em formol e abraçada a crenças ultrapassadas.



Henfil havia sido da cruzada eucarística, quase foi congregado mariano e acreditava em todas as ameaças e maldições da Igreja e da TFP. Após muitas lutas e conflitos íntimos, foi salvo pelos dominicanos, que lhe propiciaram uma nova visão da Igreja, de justiça e liberdade.

Com nome feito, passou a ganhar uma grana respeitável, sobretudo na publicidade, mas isso não era tudo que queria na vida. O lápis, o alfabeto e o papel eram o passaporte para a liberdade.

Mas a grana farta e estabilidade, freavam sua rebeldia e indignação. Isso passou a ser uma pedra no meio do caminho.

Henfil também criaria outros personagens importantes e com atuações para atingir públicos específicos, como a Graúna, o Bode Orelana, Ubaldo, o paranoico, o Cabôco Mamadô e o Capitão Zeferino.

Procurou um reflexologista para aprender a tourear suas fobias e neuroses. Lá, o pessoal brincava: "Você vai perder a graça, pois seu humor é fruto de suas neuroses". Se isso for verdade, pensou, vou passar fome, depois de curado.

Por sorte, conseguiu libertar-se de uma série de problemas e tensões, sentiu-se mais solto. Só então descobriu que é preciso estar inseguro para criar. Dali nasceriam seus grandes personagens. Surgiram em épocas de crise, quando lutava para abrir caminho, profissionalmente.

Com tudo resolvido, deitava na cama e lambuzava-se na lama, nada criando de novo. Quando sacou essa parada, radicalizou. Deixou 90% dos lugares em que trabalhava, isto é, abriu mão de 90% do que ganhava.

Descartou os trabalhos em publicidade, justamente os mais rentáveis e escolheu só três veículos para atuar: o Jornal do Brasil, com charges políticas, para um público mais sofisticado; O Pasquim, onde desenhava para um público relativamente indefinido mas bem informado, e o Jornal dos Sports, com charges para o povão.

Dizia que ganhava menos, por tática, como forma de criar melhor e fugir das arapucas da estabilidade. Para Henfil, o importante era dar o seu recado, comunicar, mesmo chocando, como forma de conscientizar seus leitores a não serem tangidos como rebanho, a terem uma visão crítica da vida e do mundo.

Apesar dos seus gravíssimos problemas com a hemofilia e a precariedade do nosso sistema de saúde pública, lutou heroicamente pela Anistia e pelas Diretas Já!, enfrentou todas as batalhas contra a Censura e pelos Direitos Humanos, denunciou a violência policial, a ganância dos bancos e do FMI, a atuação predatória das multinacionais, a indiferença e crueldade das nossas elites, a corrupção e a injustiça. Sabe-se que tal postura só é capaz quem já passou pelo sofrimento e privações.

Estivemos no lançamento do seu livro "Cartas da Mãe", na noite de 24.8.81, pela Codecri, numa galeria do Leblon. Era uma reunião de cartas escritas na revista "Isto É", endereçadas a D. Maria, sua mãe, artifício por ele usado para denunciar tudo que infelicitava a vida dos brasileiros.

Isso, só foi possível depois que o AI-5 estava "fora do prazo de validade", vencida em 1979. Lá também estavam seu amigo e crítico musical de VEJA, Tárik de Souza, Mário Lago, Orígenes Lessa e outras figuras. Ziraldo, passou ali de raspão, super apressado. Millôr, nem pensar! E o Jaguar estava em Cuba, como me informou sua mãe, quando passei na casa dela indo para a noite de autógrafos.

Henfil tentou a cura vivendo algum tempo em Natal (RN), mas teve grandes decepções. Se o calor do

sol era bom, a convivência com figuras e valores locais era difícil. Ali esperava encontrar reservas humanas e artísticas autênticas, mas constatou que estas não mais existiam, sequestradas e seduzidas que foram pela novidade da chegada da televisão, com suas novelas, chacrinhas, fantásticos, linguajar & gírias e modismos do sul maravilha.

Também aventurou-se pela selva do Cinema, do Teatro e da Televisão. Não obteve grandes resultados em nenhum desses veículos. Muito pelo contrário e por uma simples razão: excetuado, quem sabe, em parte, o Teatro, todos são movidos por gigantescos interesses econômicos. Neles, o ser singular, como ele, é simplesmente descartado. Quando muito, não passa de um parafusinho escondido na engrenagem.

Em 1973, Henfil foi tentar a cura para sua hemofilia nos Estados Unidos, onde passou dois anos batalhando para desenvolver profissionalmente sua arte.

Os resultados foram frustrantes. Lá, a medicina pública não existe e o mercado de trabalho é latifúndio exclusivo de americanos. E desde que sejam rigorosamente preservados seus valores, padronizados por Hollywood e uma sociedade de consumo reacionária e conservadora, que nada tem a ver com os valores e modelos do Brasil.

Henfil, de início, conseguiu o impossível: publicar, através da Universal Press Syndicate, em alguns jornais, mas não agradou. Seus Fradinhos "The Mad Monks" ("Os Frades Doidos") foram considerado 'too sick" ("doidos demais") para os padrões americanos.

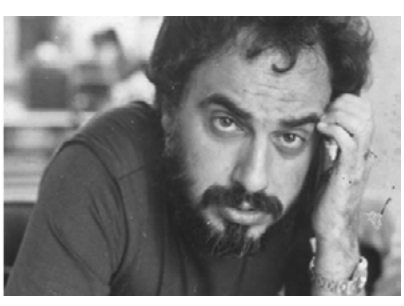
Mas ele não era de fazer concessões: jamais domesticaria seus personagens nem se curvaria às exigências da imprensa e hábitos de Tio Sam. E por ser brasileiro, também era claramente discriminado como "cucaracho", até quando era atendido nos postos médicos.

Um dos bons momentos vividos por ele, em New York, foi quando conheceu pessoalmente David Levine, do The New Yorker Review of Books, um dos mais famosos artistas gráficos do mundo. Foi à casa dele, no Brooklin, junto com o Paulo Francis, que já o conhecia. Henfil ouvira dizer que o cara era difícil, mas não foi isso que aconteceu.

Como seu inglês ainda era "meia-boca", ficou na de "papagaio de pirata", só na escuta, enquanto Paulo Francis fazia uma deliciosa entrevista com o David Levine para O Pasquim.

Depois, andaram com ele pela casa, brincaram, saíram à rua, tiraram fotos e tudo foi publicada, depois, no semanário, com texto de abertura da entrevista, pelo Henfil, maravilhado com a simplicidade, calor humano e despojamento do grande artista americano, que na parte final de sua carreira, pouco conseguiria publicar, sendo descartado pelo The New Yorker por deficiência visual.





O dia mais belo de sua vida, até ali, foi quando ele viu, pela primeira vez, a neve caindo do céu, em New York, pela janela do seu cafofo. Passou o dia todo lá, e nem conseguiu trabalhar.

Fez um bolo caprichado de fubá pra comer olhando os flocos despencando. Disse que foi a coisa mais bonita que viu na vida, mais que quando viu o mar, pela primeira vez, e quase desmaiou. Ela transcendia tudo.

Violentamente perseguido pela Censura, Henfil lutou até o fim pelo restabelecimento dos direitos humanos e da redemocratização, no Brasil, recebendo, em 1981, o Prêmio Vladimir Herzog na categoria Artes, pelo conjunto da obra.

Publicou cerca de uma dezena de livros sobre o humor e suas desventuras, além de fazer um filme ("Tanga: Deu no New York Times"). Trabalhou nO Pasquim, Veja, Realidade, Visão, O Cruzeiro, Placar, Última Hora, Jornal do Brasil e Jornal dos Sports.

Em 2017, a cineasta Ângela Zoé dirigiu o documentário "Henfil". Simpatizante do PT, única opção possível contra a dita-cuja militar, na época, para ele produziu cartazes, desenhos para camisetas, "buttons", etc.

Falar em artes, é oportuno lembrar este precioso recado do seu irmão Betinho: "Quem constrói a sociedade, o futuro e a humanidade é a Cultura. Ela é, portanto, um bem essencial . Um país que não é capaz de entender, promover, desenvolver, preservar a Cultura, é incapaz de sobreviver.

Ela, a Cultura, jamais foi um supérfluo, é o pão nosso de cada dia. Quando olhamos, tocamos, pensamos, sonhamos, produzimos, andamos, falamos, estamos fazendo Cultura.

Faço aqui a minha declaração de amor à Cultura, à sua essencialidade e para lamentar como está sendo tratada no país." Quando da morte do Henfil, seu colega e cartunista Nani comentou: "O Henfil morreu vítima da omissão do Ministério da Saúde ante ao comércio promíscuo do sangue em plena era da Aids".

Parecendo seguir os versos de Fernando Pessoa ("Para ser grande sê inteiro/ Põe quanto és no mínimo que faz"), com sua crítica feroz e bem humorada aos modismos e ideologia dos opressores, Henrique de Souza Filho, o HENFIL, provou que o humorismo é essencial em uma sociedade democrática. Nosso homenageado nasceu em Ribeirão das Neves, em 5.2.1944 e deixou-nos em

4.1.1988, após ser contaminado pelo vírus HIV, numa transfusão de sangue, reflexo do descaso da nossa saúde pública. Tinha apenas 43 anos de idade e com ele se apagava uma luz de primeira grandeza pelo respeito e reconhecimento da nossa cidadania, neste país enfermo, em crise de identidade permanente.

Nelson Bravo (Juiz de Fora - MG)

A força subversiva da colagem

No trançar de ideias, dissolvem-se autorias rígidas e egos; novos mundos tornam-se visíveis. Ensaia-se outra ordem criativa, aberta à colaboração. E ao remexer as colagens, surgirão novas alternativas e significados. Nada pode ser mais político



Vivemos num mundo que, claramente, poderia ser melhor — e é normal tentarmos mudá-lo. Não surpreende, por exemplo, que desejemos libertá-lo dos muitos preconceitos racistas, de classe, gênero, cultura ou idade. Portanto, não é rara a nossa vontade de limpá-lo e de "lavar a roupa suja", tanto literal, como figurativamente. Precisamos fazer uma colagem.

Lavar e desencardir a roupa (na Espanha, a expressão é "hacer la colada") não deixa de ser um jogo que desafia a ordem estética, simbólica e política herdada e/ou promovida pelas elites dominantes. Enquanto que fazer colagens é conectar coisas que nunca estiveram juntas, tornar visíveis mundos imaginários, ensaiar outra ordem possível, iniciar uma história inédita, suspender significados normalizados: fazer colagem é desanuviar os nossos olhos. Fazer colagem é como ver de novo, não tanto no sentido de rever, mas de renascer.

Para além de uma ação individual, a colagem nos convida à colaboração porque precisamos reunir coisas que foram separadas por questões administrativas, estéticas, políticas ou epistêmicas. Talvez desejemos outras configurações menos funcionais, ou talvez sejamos atraídos pelo desconhecido,

pelo marginal, pelo minúsculo, pelo descartado, pelo irregular ou pelo inútil: o fato é que precisamos nos aproximar de outros mundos, ou do mundo de outras pessoas, se quisermos experimentar com a diferença, desanuviar os olhos e ampliar nossa sensorialidade. Vamos lavar a roupa!

Os materiais da colagem podem ser dos mais variados: coisas improvisadas que ignorávamos, coisas imaginadas que se tornam reais, coisas que unem experiências comuns, coisas que existiram ou foram abandonadas, coisas futuras, coisas prometidas ou coisas indecifráveis, coisas salvas ou coisas encontradas. Entram também as coisas que você tem ou não tem, assim como as que você conhece ou ignora, as que deseja ou abomina, as que sonha, as que suspeita e as que são misteriosas. Numa colagem podem entrar as coisas mais vulgares e extraordinárias, segredos, profecias, versos e todas as outras máquinas que nos rodeiam. Na verdade, nada pode ser mais aberto e inclusivo do que uma colagem. Nada pode ser mais criativo ou mais político.

Também, nada poderia ser mais fácil. Podemos lavar a roupa suja na escola e em todos os espaços de convivência. E mais: deve-se. É um jogo, basta querer jogar. Para isso, pedimos aos participantes que cada um traga algo que é muito importante para si, seja porque traz lembranças ou tem algum valor. Também valeria a pena trazer o mais insignificante dos objetos que você possui, porque está farto de sua presença ou de sua irrelevância. Resumindo, nosso jogo tem regras fáceis de lembrar. Depois de ter esses objetos, passamos para a segunda parte: brincar com os outros. Ou seja, misturar nossas coisas, trançá-las e despersonalizá-las. Conectá-las em rede.

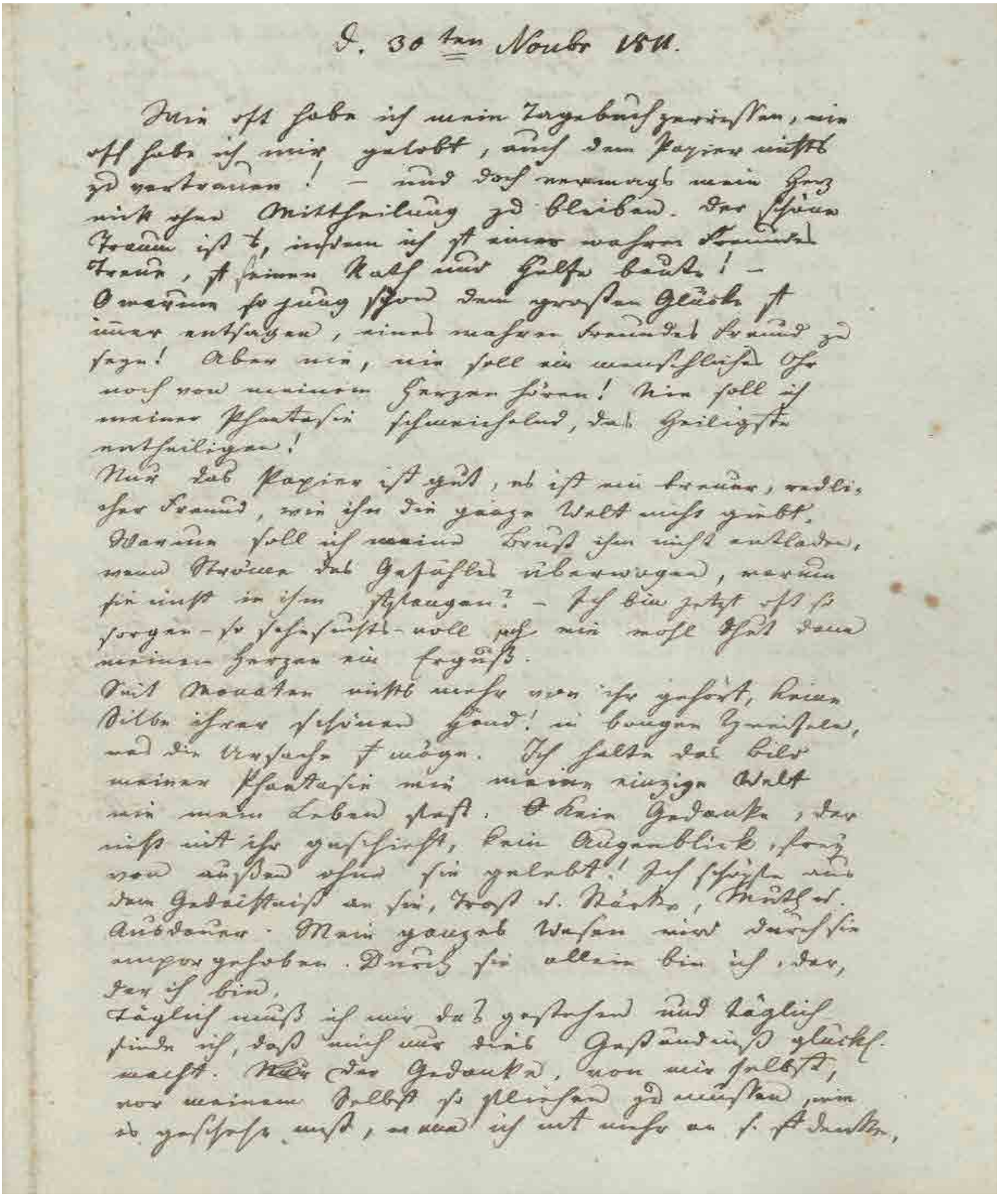
E ao remexê-las, surgirão e se abrirão alternativas, possibilidades, significados. O primeiro passo pode ser criar uma história que explique esse encontro, tropeço ou avistamento. Então, fazer colagem é uma forma de inventar histórias. Na colagem, os relatos e as histórias são importantes porque nos mostram formas de re(a) presentarmos o mundo por meio de objetos contingentes, situados e próprios. Nós inventamos histórias e as histórias nos inventam. E nós inventamos um “nós”.

Cada uma das coisas escolhidas e acrescentadas à colagem se conecta com o nosso inconsciente e, ao misturá-las, dão vida a um “nós” emergente; ou seja, contamos uma história que parte do âmbito pessoal mas que o processo torna cola(gem)borativa. Cola(gem)borar é um jogo sem regras. Podemos não descobrir nada e nos divertirmos pouco. Depende da atitude e da situação.

Às vezes, é bom aceitar nossa mediocridade e não nos esforçarmos demais. Mas nada nos impede de ser brincalhões, especulativos ou desafiadores. Ninguém nos obriga a ser convencionais e previsíveis. Podemos arriscar uma hipótese improvável ou uma combinação absurda de objetos. Podemos ser absurdos como nosso inconsciente, imprevisíveis como a fortuna ou mágicos como os músicos de uma jam session. Também podemos ser tenazes como formigas, solidários como doadores ou confiantes como crianças. Podemos, em resumo, ser cola(gem) borativos.

OUTRASPALAVRAS
DESCOLONIZAÇÕES
por Antonio Lafuente
Publicado 15/12/2020 às 15:17 - Atualizado 15/12/2020 às 15:19
Por Antonio Lafuente | Tradução de Simone Paz Hernández | Imagem: María Berrio
https://outraspalavras.net/descolonizacoes/a-forca-subversiva-da-colagem/

O diário de Carl Friedrich Philipp von Martius, de 1811 até 1815



d. 30ten Novbr 1811.

Wie oft habe ich mein Tagebuch zerrissen, wie oft habe ich mir gelobt, auch dem Papier nichts zu vertrauen! – und doch vermags mein Herz nicht ohne Mittheilung zu bleiben. Der schöne Traum ist's, indem ich ist einer wahren Freundes Treue, ist seinen Rath und Hülfe baute! –
O warum so jung schon dem großen Glücke ist immer entsagen, eines wahren Freundes Freund zu seyn! Aber nie, nie soll ein menschliches Ohr noch von meinem Herzen hören! Nie soll ich meiner Phantasie schmeichelnd, das Heiligste entheiligen!
Nur das Papier ist gut, es ist ein treuer, redlicher Freund, wie ihn die ganze Welt nicht giebt. Warum soll ich meine Brust ihm nicht entladen, wenn Ströme des Gefühles überwogen, warum sie nicht in ihm stillen? – Ich bin jetzt oft so sorgen-so sehnsuchts-voll ach wie wohl thut dann meinem Herzen ein Erguß.
Seit Monaten nichts mehr von ihr gehört, keine Silbe ihrer schönen Hand! in bangen Zweifeln, was die Ursache ist mögen. Ich halte das Bild meiner Phantasie wie meine einzige Welt wie mein Leben fest. O kein Gedanke, der nicht mit ihr geschieht, kein Augenblick, frey von außen ohne sie gelebt! Ich schöpfe aus dem Gedächtniß an sie, Trost u. Stärke, Muth u. Ausdauer. Mein ganzes Wesen wird durch sie emporgehoben. Durch sie allein bin ich, der, der ich bin.
Täglich muß ich mir das gestehen und täglich finde ich, daß mich nur dies Geständniß glückl. macht. Nur der Gedanke, von mir selbst, vor meinem Selbst so fliehen zu müssen, wie es geschehen muß, wenn ich mit mehr an s. ist denke,

Com um total de 226 páginas, o manuscrito do diário do famoso botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius, redigido em letra gótica (Sütterlin), abrange os anos de 1811 a 1815. Não temos conhecimento como o precioso documento chegou ao acervo do Instituto Martius-Staden.

O Professor Erwin Theodor Rosenthal avalia o diário da seguinte forma:

Es geht dabei um ein äußerst interessantes Zeitdokumnt, das den Lebensstil des gehobenen Bürgertums zur Zeit der napoleonischen Kriege belegt, gleichzeitig den Fleiß des Schülers und Studenten bezeugt, den Werdegang eines jungen Mannes darstellt und seinen Bildungsgang und erste Liebschaften beleuchtet. (Frey Apollonio, edição alemã de 1992, p. XIII)

[Trata-se de um documento contemporâneo extremamente interessante, que descreve o estilo de vida da alta sociedade da época das guerras napoleônicas e ao mesmo tempo mostra a dedicação aos estudos do jovem e seus primeiros namoros.]

O Instituto Martius-Staden gostaria de disponibilizar esse documento de valor histórico a todos os pesquisadores e espera que as comunidades científicas alemã e brasileira ajudem na transcrição do documento para a escrita latina, e, posteriormente, na tradução para o português.
A disponibilização do diário possibilitará novas descobertas sobre a vida pessoal do nosso famoso patrono, além de valorizar o cientista Martius e dar um novo incentivo aos pesquisadores.

Para mais informações e para receber o diário completo, por favor, entre em contato pelo e-mail: arquivo@martiusstaden.org.br

Para comemorar os 200 anos da expedição, o Instituto Martius-Staden pretende relembrar a viagem desses dois cientistas alemães por meio de uma exposição itinerante (2017), um documentário (2018) e uma publicação científica bilíngue (2019). Para maiores informações baixe aqui o nosso catálogo Projeto Cultural: 200 anos Viagem pelo Brasil de Spix e Martius.



https://www.youtube.com/watch?v=SVsfwadLiOQ



O livro minha cidade meu bairro minha vida é a autobiografia de Maria Helena de Oliveira Morais, aposentada, 77 anos, cantora e pesquisadora de cultura popul. Patrocinado pelo Promic/Londrina, o livro narra sua história: da infância em ourinhos a sua vida e reflexões desta caminhada em Londrina. O produto foi lançado pelo facebook em novembro e estará disponível em versão impressa em espaços culturais de londrina e também em plataformas de vendas na internet. As interpretações de trechos do livro são de Cinthia Cortegoso, Sueli Galhardi e Lia Karnaski

ouvir no

YouTube

Yashiro Imazu



Matisuri

Yashiro Imazu é fotógrafo; artista visual e pós graduando em arte terapia, cresceu em meio a cultura japonesa participando em apresentações de taiko e yosakoi soran, e passou parte de sua juventude no Japão, país onde despertou sua curiosidade pela fotografia em eventos.



Estrondo e Energia, Museu da Imigração Japonesa, Rolândia



Utá



Bon Odori Flags



Vento Vermwlho



Fake Sakura



Sintonia



Odaiko e Museu Japonês de Rolândia



Nagoya Girl



O Canto de Todas as Idades

O QUE É PRECISO PARA SER EMPREENDEDOR?



Em nosso País muitos estão querendo empreender e muitas vezes por necessidade sem ter ideia do quão difícil é ser empreendedor em nosso querido Brasil. E outros têm o sonho de se tornarem empreendedores. Por isso é importante conhecer os perfis empreendedores e também sobre sócios investidores. Esses são de real valor quando o empreendedor tem o sonho de abrir uma empresa porem não tem todo o capital para investir.
É importante entender que durante os primeiros anos da empresa não se deve desviar dinheiro da mesma. A retirada deve ser só do pró-labore o restante deve ser reinvestido ou poupado de preferencia em um fundo que valha a pena o que não é o caso da poupança no momento. Jamais nos primeiros 5 anos se deve fazer viagens trocar carros etc... só depois que a empresa tiver um capital de reserva relevante o dono deve começar a fazer essas mudanças pessoais. E sempre que possível reduzir custos.

E SE O NEGÓCIO NÃO DER CERTO?

Caso o negócio não de certo até um determinado período como deverá ser a saída? O jurídico te explicara bem isso sobre direito de venda se é obrigado a aceitar outro sócio ou se tem o direito de comprar a outra parte conforme avaliação. Ou que a empresa seja avaliada para venda de acordo com IBTDA indicador de lucratividade.

4 TIPOS DE EMPREENDEDORES.

1 De OPORTUNIDADE: O Empreendedor pode se desenvolver por oportunidade como investir em um negocio onde pessoas não estão sendo atendidas uma necessidade do mercado e depois inovar isso.

2 TECNICO: Tem uma competência técnica que traduz uma habilidade especial que o diferencia dos demais. Normalmente ele começa sozinho. Tem um lado positivo que desenvolve algo diferenciado. Ele constrói um produto que pode ser vendido ou acaba sendo copiado no mercado.
3 AUTONOMO: Tem conhecimento empírico ele precisara agregar pessoas para ajuda-lo. Professor autônomo fisioterapeuta médicos advogados consultores. Ele cresce rápido infla com acessórias e ajudantes.

transforma em negocio. O lado negativo a partir do momento que cresce ele acaba parando de praticar o hobby e tem de empreender ou ama isso por estar empreendendo no que foi seu Hobby a vida toda.
A partir desses 4 tipos temos 3 orientações para empreender:
A) VOCAÇÃO esse indivíduo sempre pensou em ter um negocio nunca pensou em ser um funcionário. Sempre quer uma coisa mais autônoma mais dele.
B) NECESSIDADES Pode estar passando por desemprego ou passando por um momento existencial. Ou simplesmente aumentar seu lucro para fazer a diferença.
3) EXPANSÃO É compelido a crescer para ficar no mercado ou aumentar seu faturamento. Terá de abrir novos mix ou unidades.

5 INVESTIMENTO
COMO E DE ONDE VEM SEU CAPITAL DE GIRO? (Leitinho da criança)
A) Pode vir de economias feitas durante anos.
B) Pode ter saído do emprego e o acerto mais economias.
Nesses dois casos é importante avaliar pelo conhecimento e experiência que ele tem se valerá a pena arriscar em um negocio que por mais que ele goste se não der certo ele perde todo o dinheiro ou tenta recuperar vendendo equipamentos ou produtos.
Ou se compensa guardar este dinheiro e tentar outro emprego.
C) Pode financiar para investir.
Terá de lembrar que além do custo que a empresa terá também terá o financiamento para pagar.
D) Encontrar um sócio ativo.
No caso do sócio ativo significa que ele entrará no negocio com investimento e também trabalho fazendo a divisão do investimento em percentual tanto de despesas quanto de lucros.
E neste caso que o sócio tenha um perfil diferente para que se completem.
Como exemplo um cuida mais do administrativo e outro Do atendimento etc...
E) Encontrar um sócio investidor.
O investidor investe, mas não trabalha diretamente com a empresa é como se ele fosse um acionista. Pode ser chamado para reuniões e estratégias porem não precisa atuar porém tem direito para opinar sobre a empresa e deve saber todas as decisões que são tomadas.
A proporção de investimento e lucro seriam as mesmas do sócio ativo salvo se combinar algo a mais para o ativo além da divisão de percentuais. Isso pode ser combinado entre as partes e colocado em contrato.
O Brasil parece ainda não estar muito preparado para este tipo de sócio. Em países de primeiro mundo isso acontece de forma mais natural. A um entendimento sobre o investidor que perdura.
Em nosso País o Investidor acaba sendo visto pelo sócio ativo no momento que a empresa realmente começa a ter lucro que ele é uma pessoa que recebe sem trabalhar. E algumas vezes se esquece de que sem o investimento do mesmo a empresa não existiria, muitos dizem fazer tudo sozinho levar a empresa nas costas se vitimando até mesmo para clientes amigos quando na verdade seria mais profissional este empreendedor conversar com o Sócio sobre

possível compra da parte ou outra solução que fique bom para ambos. É assim que empreendedores de verdade se portariam. Mas isso esta mudando aos poucos conforme o nível de conhecimento sobre Negócios e o entendimento sobre Ética profissional dos mesmos tem melhorado.
Por isso seja muito sincero consigo mesmo. Se precisar de um sócio investidor entenda que no momento que a empresa começar a lucrar de verdade ele também merece retirar o percentual de lucros que lhe é direito e foi combinado. Em alguns casos o sócio atuante além do percentual da sociedade retira um pró-labore que foi acordado entre as partes. Isso também depende do tamanho e lucratividade da empresa. Normalmente o valor é definido pelo salário que a própria empresa pagaria para um colaborador ocupar o mesmo cargo. Não adianta o sócio ativo começar a achar pelo fato de ele estar ativo na empresa ter o direito de ter um pró-labore muito maior. Alguns tentam até colocar um pró labore que não é compatível com a empresa o que pode gerar animosidades. Precisamos entender que o que vale é o que esta no

contrato e dever ser cumprido já que foi o combinado. Se não for para ser assim não abra um negócio. O mínimo para ser um bom empreendedor é saber que é preciso cumprir a palavra. E também a divisão dos lucros líquidos conforme o percentual de cada um. É preciso entender que tudo que foi combinado no inicio dever ser cumprido. Muitos negócios rentáveis vão por agua abaixo por causa do ego. E neste ponto os dois lados acabam perdendo.
Algumas perguntas devem ser feitas antes de empreender:
O que te motiva?
O quanto você vislumbra este empreendimento?
Ira se dedicar de corpo coração e mente a este negócio?
Que empresa deseja construir?
Que filosofia ira adotar?
Quais são seus valores?
Você tem uma visão de futuro?
Como você quer impactar a sociedade com sua empresa?
E se você acredita ser a melhor pessoa para fazer isso?
E se irá empreender pela primeira vez ou esta tentando novamente poderá procurar um acompanhamento Sistêmico pra alinhar sua vida profissional e pessoal ao novo empreendimento!
Um forte abraço e Sucesso!
Ricardo França
Contato: ricardofranca@sercomtel.com.br
Consultor Sistêmico – Empreendedor –Palestrante – Pratitioner Pnl – Relações Interpessoais – Professional & Personal Coaching.
Colunista Paiquere 91,7
Colunista Revista D-Arte & Instituto C.Arte Brasil.



A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".


financiado com
catarse
CAMPANHA
ADOTE
UMA PÁGINA
D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA
R$ 10,00
(MENSAIS)

click aqui

lêmocian

ESPAÇO DE LEITURA



Apoio Cultural:

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

mocian
SINTA A BELEZA

Brindes
Marketing Promocional

BATUQUE NA CAIXA
I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

ALMALONDRINA
rádio web

#ouça
RÁDIO
ONLINE

https://almalondrina.com.br/

Cultura930
PORTAL DE CULTURA

https://www.radios.com.br/aovivo/radio-cultura-930-am/12410

12 Volts

CUSTOM TATTOO

(43) 3334-2648

Rua João Cândido 344, sala 307 - Londrina



Digulgação

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



#13
Literatura

Quanta responsabilidade!

Dias Campos

No dia a dia é comum confrontarem-se opiniões absolutamente antagônicas sobre um mesmo assunto. Aliás, nas lides forenses isso é corriqueiro.
Como consequência, é natural que um dos lados prevaleça, seja porque é o mais forte, seja porque está protegido pelo direito.
Sendo assim, jurava que nenhuma outra hipótese seria suficiente para me deixar impressionado ou descontente.
No entanto, ontem à noite, quando assistia à televisão, acabei mordendo a língua...
Era um documentário sobre o posicionamento de vários escritores, atuais e do passado, acerca da esperança.
Dois deles me chamaram a atenção, visto que bem poderiam ser escolhidos os representantes daquele antagonismo.
Por mais paradoxal que seja, apesar do seu Amor de perdição e de ter sucumbido às tentações do suicídio, o extremo positivo era encabeçado por Camilo Castelo Branco, que proclamou "Bendita seja a esperança, filha dos céus, eterno cântico dos anjos."
No polo negativo, e a despeito de ser muito conhecido o urubu agourento de Augusto dos Anjos, foi José Maria Goulart de Andrade quem mais me impressionou ao dizer "Esperança, és um mal que prolonga a agrura dos vencidos da vida".
Mas se é verdade que não me sentia impressionado quando o documentário acabou, e desliguei a televisão, não menos exata é a afirmação de que estava bastante descontente.
O motivo? O lado para o qual pendeu a maioria daqueles escritores.
Ora, se nem Dante, quando percorria o purgatório, ouviu do seu guia-poeta, Virgílio, no Canto VI, de A divina comédia, que seria vã a esperança das almas que ali perambulavam pedindo preces, por que nos tempos de maior luz, em que até o limbo foi revogado, como quis o papa Bento XVI, aquela que "... nunca abandonou o infeliz que a procura" (Beaumont e Fletcher) seria a opção menos prestigiada por aqueles literatos?
Como já era muito tarde, deixei meu descontentamento de lado, tratei de tomar um banho quente, e me enfiei debaixo das cobertas. Quem sabe se no mundo de Morfeu eu encontraria uma justificativa que me satisfizesse?

Pois no dia seguinte, quando fazia a toalete, uma lembrança vinha diminuir a velocidade com que escovava os dentes...
Não sei se concordará comigo, amigo leitor, mas aquele desprestígio poderia ser respondido com a ajuda da conhecida fórmula por que um copo com água pela metade pode ser observado.
Nesse sentido, ou nos martirizamos porque só nos resta metade do precioso líquido, ou nos felicitamos porque ainda temos meio copo de água para beber.
Assim, quando a vida nos impõe um período de extrema dificuldade – e não há quem disso se safe –, ou o olhamos através das janelas embaçadas do pessimismo, o que, por certo, afastará qualquer laivo de esperança, ou o enxergamos por meio das lentes cristalinas do otimismo, que encontrará na filha querida da fé a sustentação necessária para enfrentá-lo e superá-lo, permitindo que saiamos dessa experiência mais fortalecidos (resiliência).
Daí eu pergunto: Qual deveria ser o papel do escritor contemporâneo nestes tempos cinzentos da COVID – 19?
Será que aquele que detém o poder de influenciar milhões de pessoas com o seu

dom teria o direito de abalar, fraquejar ou até mesmo destruir a esperança daqueles que a ela se agarram, e por ela são beneficiados, só porque se identifica com o romantismo sombrio de Poe, adora voar no pessimismo schopenhaueriano, ou foi acometido da doença da Hiena Hardy? – Oh vida, oh azar...
Fico, então, imaginando se esse autor teria a coragem de manter o seu juízo sobre a esperança, caso tivesse que aconselhar um amigo que ligasse buscando reconforto, porque sua esposa, que pela manhã já vinha sentindo dificuldades para respirar, teve que ser entubada às pressas no final do dia por causa do novo vírus?
Mas como existe louco para tudo, não ficaria chocado se ele, além de manter o seu ponto de vista, ainda achasse oportuno citar Bacon como arremate. – "A esperança é um bom almoço, mas uma péssima ceia."
Ora! É justamente nestes tempos de pandemia que o escritor tem o dever moral de soerguer, de sustentar, de fortalecer e de estimular os seus leitores a seguirem adiante, esperançosos!
E note, leitor amigo, que ao defender essa postura, não estou rendendo graças a nenhuma síndrome de Poliana.

Apenas que o momento atual pede à literatura que defenda, que estimule e que difunda aquela que, no dizer de Grácia da Cunha Matos, "... é necessária ao coração como o sol à existência das flores."
Por isso, que tal se enaltecermos, e com um belo sorriso no rosto, que no dia em que escrevo esta crônica, mais de trinta e dois milhões de infectados no mundo já conseguiram recuperar-se daquela virose e estão a salvo em seus lares? que tal se frisarmos que, ao contrário do que acontecia há bem pouco tempo, quando eram necessários cerca de quatro anos para que criassem uma vacina, hoje, em menos de um ano! mais de um laboratório já alcançou a última fase de testes à nova cura? que tal se enfatizarmos que, graças à possibilidade de flexibilização das medidas restritivas de direitos, muitas das atividades econômicas já estão funcionando, e, por força disso, estamos retornando para os nossos empregos?
Ou talvez fosse mais útil aos nossos espíritos que nos prendêssemos ao outro lado da moeda, àquele que faz da desesperança o seu triunfo, a sua meta, o seu ganha-pão?
Sinto muito, mas não posso crer seja esse o melhor dos caminhos.
Mas se ainda houver quem vacile, ouso apresentar esta última questão: Como gostaríamos que nossos filhos atravessassem este momento, descrentes ou esperançosos?

Escritor, natural de São Paulo, capital

Crônica "Quanta responsabilidade!" , que mereceu o 1o LUGAR no Concurso Literário Virtual da Academia de Letras e Artes de Paranapuã, 2020

Pulmões se enchem de água/
Assim como a mente se enche de pensamentos/A água gelada queima/Sem nunca deixar queimaduras/O foco de sua dor/são seus pés amarrados/presos juntos por uma fechadura/Mais fundo, o corpo afundava/A luz do Sol já se esgotava/Cada momento pode ser o último/Mas movia seus braços em um final impulso/Nunca Subia/Sempre ia mais fundo/Gritos silenciosos,/Semelhantes aos que dera no mundo/Não ouviram antes/Por que ouviriam agora?/No fundo do lago, junto com os peixes/finalmente talvez/alguém que compreende

Giovanna Souza

Engrenagem
Uma dose,
mais uma dose,
mais outra dose,
ironicamente, a engrenagem não dosa seus goles.

Um copo cheio,
mais um copo cheio,
mais outro copo cheio,
encher copos,
o hábito de quem não enche os bolsos.

Uma garrafa para finalizar,
mas quem sabe aguente mais,
duas garrafas para garantir,
talvez consiga três se insistir,
lágrimas e vômito encontram se no fim.

Engrenagem,
quarenta e poucos anos,
repousa no asfalto e acorda engaiolado,
mais um dia de trabalho,
mais um dia com olhos pesados.

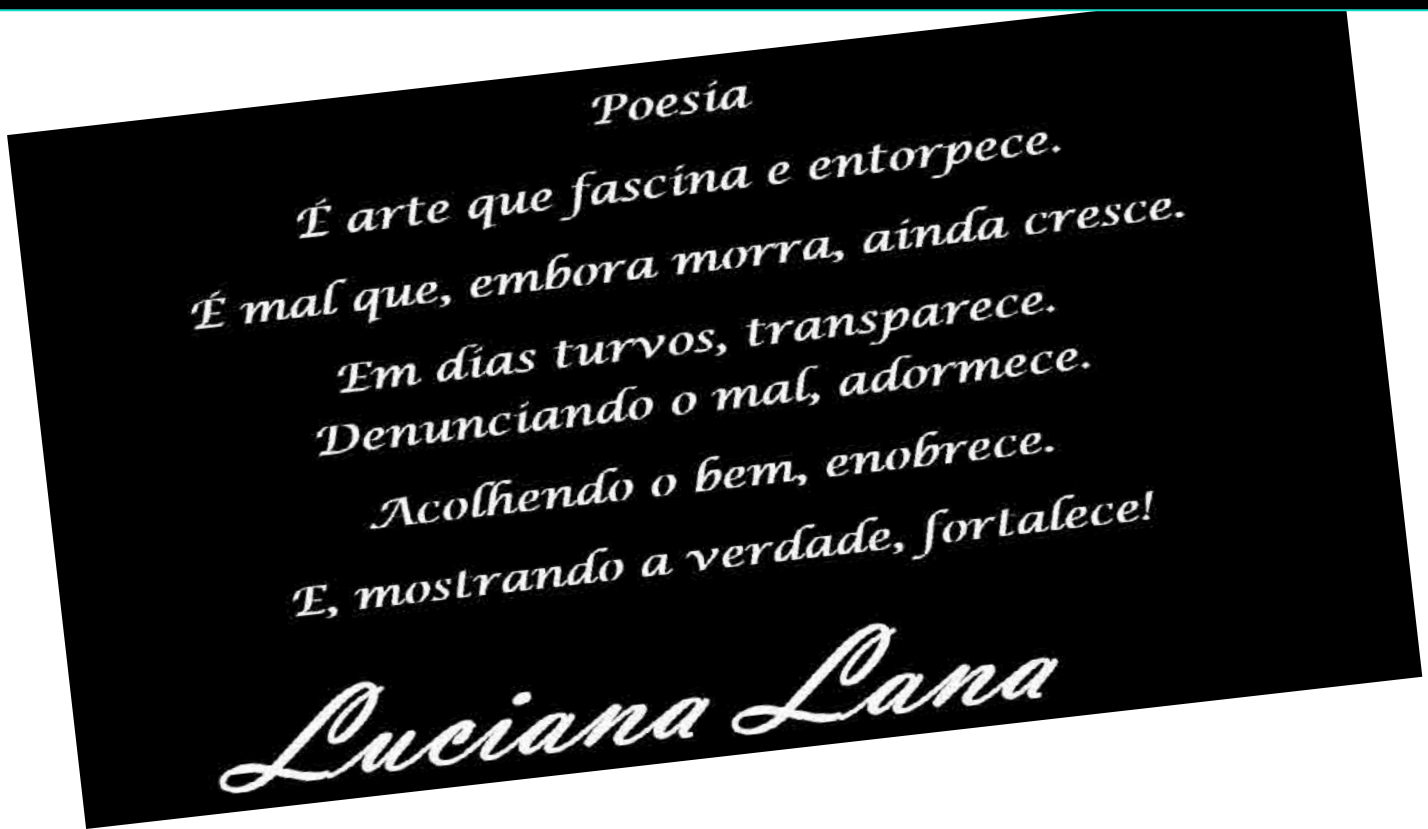
Engrenagem,
operário desde cedo,
amante do pagamento,
comprometido com o licor de arrependimento.
Engrenagem,
sai às dezoito em busca de qualquer bar,
engrenagem,
especialidade, fracassar.



F.S.Satim (@f.s.satim)

Poesia Avulsa De Cada Dia - Home | Facebook
&&& Aos que acabaram de cair de paraquedas na página eu espero de coração que aproveitem o conteúdo publicado aqui, A Poesia Avulsa De Cada Dia ainda é um projeto em andamento, um diamante bruto por assim dizer, o intuito aqui é poder mostrar um pouco do meu estilo de escrita, interagir com o meu potencial leitor e assim conhecer meu público, durante a semana textos como a página ...

Facebook: https://www.facebook.com/poesiaavulsadecadadia



Regras para bem viver

Quelma Araújo

A vida no presente aproveitar.

Sonhar a do futuro sem sofrer.

Aquela do passado bem guardar.

Nenhuma dessas regras esquecer.

A vida é uma árdua empreitada,

Mas é também uma dádiva linda,

Que deve sempre ser aproveitada

Antes que sua duração se finda.

Ame, respeite, proteja, perdoe.

Lute, persista, ensine, aprenda, doe.

Acredite que tudo é possível.

Eu não digo que é fácil, mas tente.

Coragem! Siga as regras, vá em frente,

E não desperdice este dom incrível.

A viagem

As coisas podem nem sempre ser como queremos que seja, entretanto é necessário ver o mundo de outro jeito para poder ser feliz.

Os caminhos que escolhemos nos levaram a lugares incríveis ou nem tanto, mas saiba tirar algo de bom das suas experiências.

Podemos comparar os nossos caminhos com uma viagem, que às vezes será confortável e pouco emocionante e que às vezes poderá ser desconfortável e cheia de emoção e sentimentos, mas quando for confortável e repleta de amor saiba aproveitar da melhor forma.

Buscamos ter as melhores coisas, mas deveríamos buscar também ser melhores para o próximo.

Não sou o mais sábio, mas busco aprender para ensinar e hoje quero ser melhor que ontem, então digo que a vida é um livro e, que no final, você olhará para o começo e saberá que fez o seu melhor.

A viagem um dia chegará ao seu fim, não tenha pressa para que isso aconteça, então aproveite a vida com sabedoria, respeito, alegria e muito amor.

Gabriel Coutinho



O Carnê

Valter Resende

O Carnê

Valter Resende

Ah juventude... “uma doença que só o tempo cura”. Grandes anseios... grandes expectativas de ser e de ter.... mas no final desta etapa da vida, grandes são também as frustrações, pois um jovem da periferia que não tem nenhuma alavanca social, é bem provável que chegue a meia idade sem ao menos ter realizado 1/20 avos do que sonhou para si enquanto tinha espinhas na face. Oh vida madrasta esta da quebrada.
Mas o presente é a urgência no subúrbio, então Fabiano que tinha 22 anos e um emprego em uma locadora de veículos lá em 2012, não teve dúvida em ao invés de utilizar o salário que era suficiente para pagar uma faculdade de baixo orçamento, comprar um Gol 1.0 ano 2008. Bem... ele não conseguiu pagar o carro à vista... na verdade ele sequer tinha o dinheiro da entrada, e para satisfazer o sonho que ele tinha desde molequinho namorador de bananeiras, ele financiou 100% do automóvel em infindáveis 48 meses. Isso mesmo, quatro longos e tortuosos anos que se arrastariam como lesmas, pagando o dobro do que valia aquela porra daquele hatch que nem direção hidráulica tinha. Mas quantas mulheres ele amaria naquele banco de tecido áspero?
Fazia uma semana que Fabiano estava com o Gol, e o pai dele, precavido como todo mineiro, insistia para que ele fizesse o seguro do carro. Fabiano sempre dizia que era muito caro, e que jogaria fora o dinheiro do seguro, pois a estupidez juvenil lhe dizia que ele nunca se envolveria em um acidente ou teria o seu carro roubado. Então ele acelerava o seu bólido pelas ruas do Jardim São Luiz - Zona Sul de São Paulo onde ele morava - com o braço esquerdo apoiado na porta de janela aberta, proferindo para as meninas do lado de fora, frases de pouca criatividade e de apelo sexual nulo. Aquela era a vida em que ele queria estar.
Na segunda semana chegou pelo correio o carnê, que mais parecia o Alcorão de tantas páginas. Neste primeiro encontro de Fabiano com aquelas dezenas de folhas a serem pagas, e que cada uma delas correspondia a 2/3 de seu salário, foi a primeira vez que ele ponderou se aquela compra não havia sido a maior cordilheira de merda que ele havia feito na vida. Ele teve que pagar a primeira prestação no dia seguinte, operação financeira que deixou a conta dele negativa em algumas dezenas de Reais. No fim de semana seguinte, ele que havia combinado com seus amigos de ir até a Vila Madalena – colegas estes que estavam muito mais próximos com a chegada do carro –, já avisou a galera que teria que ser feito um rateio para custear a gasolina. De início todos toparam, mas na hora de pôr o combustível, disseram que estavam sem dinheiro. Oh minha periferia... como tu tens filhos da puta também.
Os meses foram passando, e Fabiano foi percebendo que ele efetivamente fez uma cagada, pois não tinha dinheiro nem para por gasolina no carro para tentar a sorte com alguma moça que topasse entrar no veículo e se divertir com o garoto. Por outro lado, ele não conseguia se desfazer do automóvel, pois para pagar todo o valor das parcelas, mesmo com o desconto de um pagamento único, teria que vender o carro por uns 50% a mais que ele valia, e ele nunca encontraria um imbecil para fazer tal estupidez. Ainda mais depois de um dia que ele ralou a lateral do Gol, e teria que tirar dinheiro do rabo para o reparo.
A vida de Fabiano parecia que havia perdido a proa, e ele estava de fato arrependido por ter comprado aquela usina de problemas. Chegou então uma sexta-feira e Fabiano estava muito deprimido, até receber um SMS de um de seus novos amigos que vieram junto com o carnê, o convidando para ir em um samba na Av. Henrique Schaumann, e que ele iria custear todas as despesas. Então foram os dois para o point de playboy dentro do Gol, que foi estacionado numa rua como tantas iguais da redondeza. Já dentro do bar o pagode comia solto, e o amigo de Fabiano que tinha uma engenharia social muito melhor que a do nosso protagonista, tratou logo de se envolver com uma loirona. Fabiano ficou então ali deslocado, longe da sua muleta de convívio estacionada longe, batendo uma palminha totalmente descompassada do que a banda tocava. Lá pelas duas da manhã, aparece o amigo pedindo a chave do Gol para levar a moça para dar uma amassada dentro do carro. Fabiano que já estava louco para ir embora, entregou o chaveiro a contra gosto. Uns 20 minutos depois, volta o amigo dizendo que o carro não estava estacionado onde haviam deixado. Caralho!
O carro do carnê grosso e sem seguro havia sumido! Fabiano saiu correndo logo atrás do aspirante a Hugh Grant que o foi guiando pelas ruas de Pinheiros, até chegar na vaga que estava vazia. Fabiano caiu de joelhos na calçada, e como numa cena de algum filme ruim da Disney, olhou para cima e chorou.
Já haviam se passado algumas semanas depois do roubo do carro, e Fabiano com aquela edição lombada quadrada do carnê de 48 meses para quitar, teria que durante quatro anos, pagar

quase que o salário inteiro por mês para honrar a dívida, sem ao menos poder aliviar a dor da sua alma de fudido passeando no Gol 1.0 sem ar condicionado. Que tragédia suburbana! Ah minha periferia... como pode ser tão dura assim com os seus filhos.

Os meses foram passando e as prestações sendo pagas sem contrapartida alguma. O salário mensal de Fabiano só dava para bancar a prestação do carro, uma conta de luz da casa que a mãe lhe obrigava, e mais nada. Nem uma tubaína ele poderia tomar para acompanhar a marmita na hora do almoço. Mas foi quando completou o primeiro ano de pagamento, Fabiano foi tomado por uma resolução. Ele estava imbuído no pensamento que precisava ganhar mais dinheiro para quitar aquela dívida e seguir a vida até a próxima estupidez. Mas que diabos ele faria? Ele já havia aberto mão do curso superior, dificultando uma ascensão profissional dentro de corporações. Enveredar para um mundo de crime com sangue e revólveres fumegantes, era muito na contramão da sua índole. Então o que fazer?

Mais alguns boletos depois, que eram pagos com a mesma dor que ele estivesse sendo estuprado por um cacto, ele estava em um sábado aproveitando de uma das diversões não pagas da periferia, o futebol. No final da partida, Fabiano viu entrando em um carrão de cor verde marca texto, um cara que estava jogando contra ele. Durante o jogo, Fabiano havia percebido que ele era diferente da tigrada que ali estava esfolando as canelas. Ele tinha uma chuteira de jogador europeu, era extremamente articula quando falava com os outros jogadores, e no final da partida, estava mandando mais que o técnico. Este sujeito enquanto abria a porta do grande SUV, percebeu que o Fabiano não parava de olhar e perguntou se ele havia gostado do carro. Fabiano disse que sim, e que também já teve um carro. O sujeito então se apresentou. Seu nome era Ricardo Brandão, mas ele preferia que o chamasse pelo sobrenome. Fabiano que há semanas estava procurando uma maneira de sair da merda, perguntou para o recém amigo o que ele fazia para ganhar a vida. Brandão disse que ele era um representante da empresa de cosméticos Mariane Cream, e Fabiano ficou muito interessado naquilo. Brandão abriu então a porta do passageiro e pediu para que Fabiano entrasse, pois ele daria uma carona até a casa do fudido. No caminho, Brandão explicou melhor como funcionava o trabalho dele. Ele disse que era como uma cadeia de vendas, que além de vender os produtos, ele oferecia para os clientes dele a maravilhosa oportunidade de poder trabalhar em uma rede de vendas em formato trapezoidal, onde era muito mais fácil de se chegar no topo, diferente das tradicionais pirâmides. As palavras iam saindo da boca de Brandão como nuvens, sobre o quanto que poderia se ganhar por mês, os benefícios como a maravilhosa colônia de férias Mariane Cream em Bariloche, entre outros privilégio de se trabalhar para a empresa em um regime que não parecia ser muito bem aceito por nenhum sindicato francês. Mas o ápice da conversa, foi quando Brandão disse que aquele carro em que eles estavam, havia sido cedido pela empresa pelos excelentes serviços prestados por Brandão, e que pela hierarquia que tinha a ascensão de níveis nomeados com a alcunha de insetos, ele era um Zangão, uma das mais altas competência na estrutura em forma de trapézio da Mariane Cream, e que enquanto ele fosse um Zangão, ele sempre teria um carro a disposição. Fabiano estava tão envolvido pela conversa, que quando percebeu já estava em casa, onde desceu e recebeu das mãos de Brandão um cartão de visitas também verde cítrico como o carro.

No dia seguinte, Fabiano não conseguia parar de pensar em Brandão, de como ele ganhava dinheiro na venda dos subordinados abaixo do trapézio, da colônia de férias em Bariloche que ele não fazia a puta da ideia onde ficava, e do SUV verde 220v. Então antes mesmo do almoço, Fabiano pega o cartão e liga para Brandão, na esperança de poder ter uma oportunidade na Mariane Cream. Ele então conversa com Brandão que foi muito solicito, dizendo que poderia colocar o Fabiano em seu trapézio. Disse que se ele se esforçasse nas vendas e fosse um consumidor fiel Mariane Cream, em poucos anos teria o nível de Zangão e um carrão como o dele. Mas ele teria que ir subindo aos poucos, e antes de se tornar um Zangão, teria que passar pelos níveis de Marimbondo, Abelha, Libélula, Mariposa e Formiga. Fabiano indagou: “_ Então eu começo como Formiga?” Brandão: “_ Não, o primeiro nível do trapézio é o Besouro Rola Bosta”. Aquela denominação não parecia ter muita dignidade para Fabiano, mas ele estava animado e disse que na noite seguinte iria em uma reunião com outros Insetos na casa de Brandão.

Noite do dia seguinte e todos os Insetos já haviam chegado na casa de Brandão, que logo introduziu Fabiano no grupo dizendo: “_ Pessoas, este aqui é o Rola Bosta que eu falei pra vocês”. Todos os outros saudaram e se deu inicio a reunião. O encontro consistia

inicialmente em um discurso motivacional que o Zangão fez, que para Fabiano era um Everest de tédio. Após o incentivo, a reunião seguiu para o monitoramento de vendas dos Insetos, onde cada um quantificava o que havia vendido, com aplausos a cada resultado anunciado. A maioria se saiu bem, mas teve um ou dois que tiveram um resultado patético, e que foram esculachados na frente de todos e rebaixados dois bichos da escala hierárquica. O final ficou para o Zangão mostrar os produtos novos e dar todas as instruções para o novo Rola Bosta da Mariane Cream, Fabiano, que saiu de lá com os catálogos de cosméticos. A reunião acabou com um lanchinho oferecido pelo Zangão, mas que seria devidamente descontado dos ganhos de quem estava abaixo do trapézio de Brandão. Fabiano saiu de lá com uma sensação que era um composto de entusiasmo e constrangimento. Mas ele precisava do dinheiro e foi lendo os manuais e catálogos dentro do ônibus e em sua casa até umas três da manhã.
Pouquíssimo tempo se passou e Fabiano surpreendentemente havia se tornado uma locomotiva de vendas... o Luke Skywalker dos cosméticos de qualidade controversa.
Ele não era mais um simples Rola Bosta, mas havia se tornado um Marimbondo, um nível abaixo do Zangão e dois do platô do trapézio, a Vespa Mandarina. Brandão começava a se sentir ameaçado pela ascensão orbital do cara, afinal se Fabiano se tornasse um Zangão, automaticamente Brandão seria rebaixado e teria que entregar o SUV verde marca texto para a Mariane Cream, e o Fabiano receberia um novinho em folha. Então Brandão se revelava cada vez mais um filho de uma rampeira, e ia criando entraves pra fuder com a escalada no novo oponente no trapézio. Mas Fabiano seguia sólido nas vendas, empurrando nos barangos e barangas do Jardim São Luiz, cremes de barbatana de tubarão, loções de babosa, perfumes e outras merdas que ele dava um testículo de garantia que eram de qualidade.
Nesta altura da vida com a renda extra, Fabiano já estava pagando várias prestações do carro por mês, e calculava que quitaria a dívida na mesma época que se tornaria um Zangão motorizado com um horroroso SUV verde marca texto, mas que ele queria pra caralho. Para isso era só bater a meta até o final daquele mês que o carrão cafona como um cidadão do Texas, iria para a garagem dele. O anúncio dos relatórios de metas seria na conversão anual da Mariane Cream, no Guarujá.

Então chegou o dia do encontro dos Insetos no litoral paulista, e logo na entrada estava o novíssimo SUV ridículo, mas que todos aqueles vendedores achavam o máximo. A tigrada toda trajando seus ternos e vestidos comprados para alguma formatura de um sobrinho, se reuniram no auditório do hotel como num Oscar de vendedores semi escravizados. Então o mestre de cerimônias, o único Vespa Mandarina, depois de um discurso motivacional que deixou a platéia que cheirava naftalina de olhos marejados, começou a listar os ganhadores: "_ Prêmio de melhor vendedor de loção para verruga vai para Fulaninho". "_ Prêmio de melhor vendedor de creme depilador de xoxota vai para Cicraninha." E assim seguiu a honraria. Chegada a hora mais importante, quando seria anunciado o novo Zangão do trapézio. A Vespa abre o envelope e começa a revelação: "_ Bem... o Inseto que teve o maior número de vendas, foi o Marimbondo Fabiano Cunha, mas como 13,5% das vendas dele, vai para o seu Zangão, Ricardo Brandão é pela segunda vez o Zangão do trapézio da Mariane Cream! Clap clap clap clap!
Bem... Fabiano depois de tanto esforço, pelo microfone, mandou todo mundo da convenção tomar no cu, e jurou que nunca mais venderia uma merda de sabonete feito de Aloe Vera. Mas ao menos ele tinha quitado a dívida do Gol muito antes dos 48 meses.

Dias depois, certa manhã Fabiano estava indo para a o trabalho na locadora que ele quase havia mandado a merda para se dedicar integralmente a Mariane Cream. O caminho era perto de onde ele teve o carro roubado. Mas passando por uma rua que ele não tinha costume de caminhar, ele avistou um Gol preto, todo coberto de poeira e com os pneus já murchos, como se estivesse ali abandonado há muito tempo. Chegando perto, Fabiano pensou: Parece tanto com o meu carro... e quando ele viu a placa... era realmente o dele. No dia do suposto assalto, ele havia estacionado em outra rua, e procurou pelo Gol no local errado. A alegria contaminou a mente e alma do rapaz, que pensou: Puta que pariu! Não acredito! Vou dar o Gol de entrada em um SUV e financiar o resto.

O HORROR DA GUERRA

João Vitor Carvalho



O Horror da Guerra

1944
Por todos os cantos do globo, a temida guerra espalhava-se como uma doença deplorável e devastadora.
Em meio ao caos que ocorria na Europa, o capitão Connor O'Brien liderava seu pequeno pelotão rumo à Floresta Umbra, na região italiana de Gargano. Lá, o soldado de 37 anos, de cabeça raspada e surdo de um ouvido, poderia iniciar de vez sua missão.
Quando desceram da lancha em que viajavam e chegaram à terra firme, um tiro no horizonte já anunciava mais uma vítima da guerra. A chuva fina do fim de tarde trazia à densa mata que entravam um clima cada vez mais fúnebre. Os coturnos dos quatro soldados passaram a afundar na lama.
— Acha que ele vai estar lá? — perguntou Gurney, um sujeito britânico destoante em meio aos três americanos que compartilhavam espaço no esquadrão. Era forte e ruivo, repleto de sardas.
— Claro que sim — o capitão apenas torcia para que as informações recolhidas tenham sido frescas.
O objetivo era simples: subir uma cadeia de pequenos montes, sem serem avistados; adentrar a mata sombria e guiar-se por uma trilha de cascalhos que os levaria até o acampamento de Thomas Crowley, o traidor da nação.
Após a longa marcha em meio ao desconhecido, o grupo observou o Sol se pôr e, depois de uma breve discussão decidiram que seria melhor continuar ao amanhecer. Sabiam que, dentro de um matagal como este, uma marcha poderia colocar todos em

risco. Até lá, deveriam acampar em meio ao frio e a escuridão.

Enquanto o cabo Johnson, sujeito alto e rechonchudo, tratava de abrir as latas de ração, O'Brien observava Gurney e Miller. Sabia que eram todos muito jovens e dependentes de sua liderança, mas preferia pensar que estava cercado de assassinos natos. Infelizmente, quanto mais fazia isso, mais se lembrava de que, dentre todos eles, apenas o inglês tinha alguma experiência com missões de busca e captura.
E como se tomado por um tique nervoso, Connor jogava uma moeda para cima e a pegava de volta. Fazia isso repetidamente. Sentia falta de um livro ou qualquer outra coisa para passar o tédio. Sabia que a noite seria longa e rezava para não ser tomado pelo cansaço. Precisaria de todo o foco do mundo, se quisesse dar conta do coronel que buscavam.
O alvo era misterioso. Havia servido no início da guerra, lutando ao lado dos Aliados, mas repentinamente obteve empatia pelo inimigo e desertou. E pelo que tudo indicava, agora estaria com um grupo de rebeldes, refugiando-se em meio à província de Apúlia.
Mesmo em meio ao chuvisco incômodo, o capitão pôs-se a checar os documentos mais uma vez. Tomou uma lata de feijão que Johnson oferecia. Enquanto mastigava aquela comida insossa, analisava fatos sobre o adversário: aparentemente, havia cumprido todas as missões que lhe foram dadas e era um soldado exemplar. Mesmo assim, fugira de uma base militar, na Inglaterra, durante uma noite qualquer. Seus motivos para isto ainda estavam ocultos.
—

Ao longo da noite, vira cada um de seus companheiros ser tomado pelo sono. Deveria ele mesmo fazer a guarda esta noite e, como sempre, lhe seria uma tarefa fácil, devido à insônia que o assolava há uma vida inteira. Porém, naquela noite, algo atípico ocorreu. O sono lhe abateu como uma bala.

Em meio às brumas de sua própria mente, pôde ver memórias distorcidas pelo tempo. Reconhecera seu pai, major desde a Primeira Guerra e detentor de diversas medalhas, retirar a própria vida com um tiro de revólver. O estouro, ao seu lado, fez

com que seu ouvido esquerdo sangrasse intensamente. Ele nunca se recuperaria deste trauma.
Diante do choque, o jovem capitão fora dominado pela raiva.
— Seu covarde maldito!!! – gritou como se ainda pudesse ser ouvido. — Como você ousa?!
A fúria de si mesmo por não ter conseguido impedir o evento e a vergonha de ser filho de um suicida, fizera com que um amargor preenchesse o homem, que passara a buscar tratamento em meio aos tiros e mortes das batalhas que ingressava. Sabia que seu pai havia sido morto pela certeza de que haveria outra guerra. Por isso, matava seus inimigos como se cada um deles fosse responsável pela calamidade.
Dizia a si mesmo que fazia isso pela paz, mas grande parte de si sabia que era apenas pela mais pura vingança. Enquanto existissem guerras haveria ódio em seu coração, e ele faria questão de estar em cada uma delas.
Despertou em um susto. Todos os companheiros lhe observavam com espanto. O Sol já nascia no horizonte, esbranquiçado e gélido. Seria mais um dia nublado.
— Capitão... – começou Miller, o mais jovem do grupo. Com apenas 19 anos, o garoto pálido de cabelos negros também era também o mais instável e assustado. — Está tudo bem?
— O senhor estava gritando — complementou Johnson, sempre armado com a sua escopeta. — O que houve?
Em meio à vergonha de ter dormido enquanto fazia a guarda, preferiu não responder à pergunta. Respirou fundo e disse:

— Sinto muito — engoliu em seco. Tentou justificar seu erro, mas não lhe vinham desculpas plausíveis. — Vamos logo com isso.
Voltaram à marcha. Johnson partia no fronte, abrindo caminho com seu facão. O chão lamacento era escorregadio, o que deixava o grupo cada vez mais lento em sua busca. Já se aproximavam do objetivo, rodeado de faias e carvalhos, quando foram surpreendidos por um uivo desconhecido. Pássaros voaram para longe, pois não ousavam mais habitar o local profanado.
— O que foi isso?! — Miller olhava de um lado para o outro, em um nervosismo crescente.
— Um grito — respondera Connor, certeiro. Reconheceria o som de um homem sendo abatido, há quilômetros de distância. Já vivera o Inferno nesta guerra e, dentre todos no esquadrão, fora o único que não se deixara abater por este som da morte. No lugar disso, destravou seu fuzil M1. — Vamos continuar. Fiquem atentos.
Nuvens tomaram o Sol, lhes deixando numa sombra infindável, quando Johnson notou que pisava num chão ainda mais macio e viscoso que o normal. Teria escorregado abruptamente, se os reflexos de Gurney não tivessem sido mais rápidos.
— Lama de merda! — Pensara Johnson, em voz alta.
Miller teria respondido que não era lama, se não estivesse tão chocado com a cena. No lugar disso, alertou o capitão com dois tapas no ombro e apenas encarou o chão recoberto de folhas secas e vísceras ensanguentadas.
O pesado cabo, tão focado em limpar o caminho com a lâmina, fora quem mais se atrasou em entender a situação. Quando Johnson olhou para cima, junto ao grupo, percebera o problema que haviam se incrustado: o corpo de um soldado italiano, erguido entre às árvores, enforcado e dilacerado, possivelmente alvo de uma tortura

brutal. Sua barriga estava aberta e os olhos arregalados imortalizavam o desespero de seus últimos momentos.
— É uma vadia do Mussolini, não é? — Gurney analisava a situação, incrédulo.
— Com certeza — Connor o reconhecia pelo uniforme. Divagava sobre o que poderia ter assassinado o homem em seu próprio território. — Saquem suas armas. Mantenham-se em guarda.
O restante da caminhada fora tomado por um silêncio ensurdecedor. Sabiam que era só questão de tempo até encontrarem o caminho de cascalhos. Tinham certeza de que haviam chegado à Floresta Umbra e, mesmo assim, não importava o quanto andassem, sentiam o ambiente cada vez mais confuso, tenso e ameaçador.

De alguma forma, o mapa já não fazia mais sentido. Os rios não estavam onde deveriam e o ambiente, conhecido por sua abundância de raposas e aves, não ousava projetar um único som. Os passos dos soldados tornaram-se, por horas, o único ruído que preenchia o lugar.
Quando pararam para tomar fôlego, outro grito foi ouvido, em meio às árvores. Porém, este parecia muito mais próximo e desumano. O som rouco e gutural parecia fruto da imaginação acovardada de Miller, mas fora percebido por todos.
— Não se preocupem com isso — o capitão tentou acalmar os ânimos do pelotão, percebendo a inseguridade. — Provavelmente foi um lobo matando um cervo.
Sabia que não era verdade. Mesmo assim, não poderia dar aos soldados o luxo da dúvida. Todos deveriam estar sanos para o que estava por vir.
— Capitão... — Miller chamou a atenção de Connor, apontando seu rifle em direção a uma cabana de madeira, tomada por fungos e limo.
O'Brien pôs-se a olhar para o alto, tentando enxergar o céu entre a copa das árvores. Estava anoitecendo de novo. Este era o momento perfeito para encontrarem um

refúgio seguro. Esboçou um sorriso, tomando a dianteira do grupo, sem saber o erro que estava cometendo.
— Vamos passar a noite aqui, mas manteremos dois em guarda, dessa vez — planejou o capitão, atento para qualquer movimento. — Estamos em território inimigo e podemos estar mais perto do que imaginamos.
Estranhava o fato de não ter sido informado sobre a tal cabana, em seus documentos. Mesmo assim, sabia que imprevistos como este poderiam cruzar o caminho. Cruzou o ambiente a passos largos, mirando o fuzil para frente, preparado para qualquer surpresa. Silenciosamente, abriu a porta da frente e foi recebido com um som macabro.
Algo estava imerso na escuridão e mastigava sem parar. O som dos dentes rasgando a carne e banhando-se no sangue revirou o estômago de Miller, que recuou lentamente.
— Alto lá! — Connor chamou a atenção do ser, que foi iluminado pela lanterna de Gurney. Todos se chocaram quando a criatura ergueu-se com rapidez, esboçando um enorme sorriso entre dentes afiados.
Seus olhos brilharam frente à luz, como os de um felino, mas seu corpo era esquelético, torto e grotesco. A mandíbula molhada de vermelho enfeitava a pele pálida e as órbitas negras, grandes e profundas. Sem pelos e com garras sujas de tripas, o abominável ser arrastou suas patas pelo chão molhado, antes de ser atravessado por um tiro na cabeça.
Quando o corpo tombou-se endurecido, Connor soltou um suspiro. Fora um tiro certeiro contra algo nunca antes visto. Pensava na possibilidade dos italianos estarem, assim como os nazistas, fazendo experimentos macabros em seres humanos. Sua mente

vagava por todo o tipo de teoria, mas os pensamentos foram rapidamente extinguidos por mais um uivo no horizonte. Muitos outros vieram em seguida.
— Tem certeza que quer ficar aqui, capitão? — Johnson olhava para todos os cantos, em busca de mais uma figura incompreensível.
— Prefere acampar em algum lugar mais aberto? — Era uma pergunta que não precisava ser respondida. Adentrou o recinto e os outros o seguiram.
Passaram longos minutos mirando contra todas as entradas. O silêncio que, de repente, se instaurara no lado de fora contribuía para o medo crescente do esquadrão. Dividir espaço com a criatura desconhecida era ainda mais frutífero para a perda de sanidade.
Não demoraram muito para identificar o alimento da figura horrenda: mais um soldado italiano. Sua língua havia sido arrancada e a barriga fora cavada por unhas e dentes. Todos os órgãos pareciam ter sido removidos com uma ferocidade grotesca.

—

A escuridão os abraçou por completo. As trevas avassaladoras davam espaço

para que a imaginação perturbada dos soldados pudesse caminhar pelos mais diversos motivos para aquele ente existir. Todas as possibilidades pareciam vir de pesadelos primitivos e ficções perturbadas.
Johnson e Miller preparavam-se para dormir, quando um som lhes cortou o sono. Havia algo à espreita, no lado de fora. Por uma janela quebrada, Connor pôde ver um olho negro lhe observando. Quando fora notado, desapareceu em meio às sombras. Grunhidos rodeavam a cabana, parecendo um misto de risos e uivos animalescos. Mãos batiam nas paredes de madeira, como se quisessem atrair os soldados para fora ou simplesmente assustá-los. Sem se importar com o motivo, todos dispararam

contra a porta, paredes e janelas da pequena cabana. Após o feito desesperado, saíram do recinto em meio a balas e gritos.
— Continuem atirando!!! — Connor observava as sombras tomarem formas indescritíveis. Algumas pareciam ter mais de duas cabeças. Outras simplesmente não tinham uma. Suas balas eram revidadas com gargalhadas e urros. Mesmo atingidas pelos disparos, as criaturas não tombavam, e estavam cada vez mais perto e numerosas. Quando uma besta, do tamanho de um feto, saltou contra a perna de Johnson e lhe arrancou a rótula do joelho usando os dentes, Miller sentiu-se consumido pelo terror. Como se algo macabro controlasse seu corpo, ele largou o rifle pesado e, simplesmente, correu para longe. Fugiu do berço do pavor como pôde, mas não importava o quanto corresse, os gritos e rugidos permaneciam lhe acompanhando.
A corrida do jovem foi cessada por um bote que o levou ao chão. Ele berrou de agonia enquanto seus olhos eram escavados por garras. Tentou se debater e soltar-se, mas outros seres lhe seguravam as mãos e pernas. O puxavam para todos os lados, até que os ombros deslocaram-se e as pernas foram arrancadas do corpo. Sentiu as unhas das criaturas lhe penetrarem o peito, em meio à dor incessante. Finalmente, a morte lhe abriu os braços.
— Venham!!! — Ordenou Connor, com a lanterna em mãos. Liderou Johnson e Gurney rumo a um barranco, onde deslizaram desengonçadamente, enchendo-se de vermes, lacraias e aranhas que cruzavam o caminho.
Debatiam-se e atiravam, quando foram tomados por uma visão inusitada: fogo.
Ao norte, rumo às árvores altas e abundantes, puderam ver a iluminação que domava a noite. Era uma grande fogueira, com certeza.
Infelizmente, antes que pudessem alcançar a claridade, Johnson tombou pela hemorragia na perna. Fora respondido com dor e pavor quando os seres execráveis lhe

alcançaram o tronco. Um deles, com a boca larga e sem dentes, abriu-lhe a mandíbula, despejando um muco fluorescente em seu interior. Algo que o penetrara a garganta rompendo a carne e putrefando os ossos. Tentou gritar, mas suas cordas vocais não existiam mais. Morreu em meio ao silêncio desesperador.
— Não pare! — Ordenou Connor, quando percebeu que Gurney estava prestes a voltar pelo amigo.
— Mas ele... — O inglês não conseguiu achar mais palavras, frente ao pavor.
— Ele morreu, seu idiota!
Ambos calaram-se, quando perceberam que não estavam mais em uma perseguição. As aberrações haviam desaparecido, junto aos sons desconcertantes. Os soldados puseram-se a caminhar, aproximando-se cada vez mais da fogueira à vista. Puderam ver as pessoas que rodeavam o fogo. Estavam todos nus e eram raquíticos, todos na mesma situação deplorável, com costelas à mostra. Recitavam rezas desconhecidas em meio ao frio da noite. Diferente das figuras esqueléticas que ceifaram Miller e Johnson, estes eram, com certeza, humanos.
Mesmo assim, a calma adquirida por Gurney e O'Brien fora abruptamente quebrada por um impacto na nuca. Ambos tombaram, frente ao desnorteamento e enjoo. Seus corpos foram arrastados para as proximidades da fogueira. Lá, iluminado pela luz das chamas, Connor reconheceu Crowley.
O homem era pálido como um cadáver. Seus cabelos loiros, quase brancos, lhe desciam os ombros como teias de aranha. Os olhos opacos e a face larga não batiam

com as descrições do exército, mas a cicatriz que cruzava a boca era inconfundível. A visão do traidor voltou-se ao inglês, que tremia frente ao frio e o medo.
— Matem-no. — A ordem de Thomas veio baixa e calma, mas fora ouvida por todos.

Rapidamente, os homens magros e nefastos levantaram o corpo do soldado e lhe jogaram nas chamas. Gritos infantis foram ouvidos e, enquanto o cabo gritava e assava, O'Brien percebeu que havia crianças amarradas em vigas de madeira, presas próximas ao fogo.
Imerso pelo calor insuportável, Gurney tentou correr para fora das brasas, mas sempre que o fazia, era empurrado de volta. Seus dentes estavam incandescentes, brilhando em meio aos lábios carbonizados. Seus olhos estouraram como bolhas e escorreram pela face, enquanto as pernas desidratadas finalmente tombaram na lenha em chamas. Os gritos continuaram por longos minutos, até finalmente serem sobrepostos pelo som da fogueira.
Os olhos de Connor, desesperados, foram atraídos rumo ao revólver que lhe fora tomado, e agora estava na cintura de um dos homens que o mantinha imobilizado. Um mal estar lhe percorreu o corpo. O horror daquele momento zombava de qualquer coragem que O'Brien achava ter.
Crowley aproximou-se do capitão, com um sorriso macabro que mostrava dentes apodrecidos.
— Você pode sentir, não é mesmo? — o homem nu abriu os braços. — Ele está no meio de nós!
Todos os homens em volta gritaram preces em meio à proclamação veemente. Finalmente, o capitão percebeu que Thomas não servia aos italianos. Simplesmente não ligava mais para a guerra. Agora, o traidor era um escravo, e o que lhe dominava era o maior dos terrores, há muito apagado da memória de todos aqueles que planejavam manter suas sanidades intactas.

Mesmo assim, enquanto grande parte da humanidade fechara os olhos para a visão do Inferno, as trevas permaneciam atentas perante aqueles que a libertariam. E agora, chegara a hora.
— Pai de todos os pactos... Portador da única luz que clareia o caminho para a riqueza e o poder... Ouça nossas preces e ilumine nossas vidas com sua presença! — Enquanto Crowley gritava, a pele das crianças presas começara a borbulhar.
A rigidez de seus corpos simplesmente cedeu e elas desmancharam-se, todas juntas, unindo-se em um único ser. As chamas da fogueira, agora temperada com um corpo, moviam-se e tomavam formas que dançavam e riam. O fogo deixou a vermelhidão para tornar-se púrpura, afundando o ambiente em uma luz negra.
— Venha, Mephistopheles! — Thomas ajoelhou-se em soluços histéricos. — Saúda-nos!!!
Os ossos das crianças derretidas se transformaram em chifres. A pele amolecida tornou-se carregada por um couro negro. Enquanto a gosma erguia-se e enrijecia, os olhos do capitão puseram-se a desabar em lágrimas de sangue. Todos os homens à sua volta eram abençoados com a loucura suprema.
O show de horrores já não podia mais ser suportado, e como última alternativa para livrar-se da angústia e agonia, Connor alcançou a arma que lhe fora tomada. Antes que os homens insanos pudessem reagir, levou o cano à têmpora e disparou como seu pai havia feito, anos antes.
As cortinas da vida finalmente se fecharam. Mas o horror em sua alma havia apenas começado.

trabalho como roteirista e ghost-writer, produzindo contos de terror ou fantasia, nos tempos livres.

Estou enviando o conto "O Horror da Guerra", que conta a história de um pelotão de soldados americanos, que parte em uma missão de captura, onde se deparam com seus maiores pesadelos.

Abraço!

A alma fantasmagórica

Julia Mascaro Alvim

Acredito em vampiros, pois assim começo a lembrar minha vida... Minha mãe me abraçava. Meu pai era dócil, na igreja rezava, e certo dia ganhei dele um leão de vidro que ostentava o canteiro do jardim. Tinha um metro e ficava escondido entre os cravos... Olhava através dele... Conheci uma mulher que era branca... Não tenho certeza se era minha irmã. Acho que não. Também não sei minha idade, mas me sinto bem. Estou com medo. Passou o tempo? Sinto uma saudade enorme: reconheço este lugar... Acho que vou embora... É onde eles moram. Os bebês... No jardim de dentro. Bom Bom, o cão, latia neste jardim quando o vizinho saía para a varanda na casa ao lado... Era também o gato dele, a rondar... Mastigava as sete vidas pelas jubas que possuía, e radicalizava-se em seu jeito curioso... Tranquei meu cofrinho desejando paz...

No silêncio da casa quieta eu dormia entre cobertores cheirando a mofo, mas não completamente, e ficaria feliz se me convencesse da insônia desgraçada... Outro leão estava de costas pra mim, mas silenciava do mesmo modo que o do jardim, e permanecia ainda no mesmo velho armário emperrado há séculos... Estava deitada perto do jardim, em cobertores esticados ao chão, junto à porta de vidro; e o gato comia a florzinha... Esperava que fosse com rapidez, mas piscava enquanto lambia os beiços. Suas ágatas centravam a comida... A idade é azul, os holofotes, as pistas, a chuva...

Com o chaveiro de harpa eu quis destrancar a lamparina, mas não consegui... Maria Amélia, a borboleta, era forte. Morreu queimada na parte quadrada. Amei as goiabas... Parecem um quadro ressaltando na fruteira da cozinha... Tia Gui vai contratar uns pedreiros para o fosso. Deus me livre e guarde!

Trouxe o colete de algodão da Caxemira e tomou o mingau... Tomás... O meu gato... Sumiram as almofadas. Cortei o rabo do hamster. Os pelos da cabeça não, porque ele não curte. A peruca da Tatiana escureceu. Oito mulheres vestiram. Tia Gui vai trazer umas meias-finas e logo vou dormir... Bronze com contagem. Vi que Tin Tin apareceu na tela do DVD em uma estória gostosa. É um aventureiro bonito... Agora o molde da cabeça com a peruca reflete brilhante na vidraça...

Chegou o carteiro. Making Of. Vieram para saber se em Smallville está tudo diferente. É como se a culpa fosse minha. Na casa 7 puseram uma cruz no telhado. Virou... Não deixo de silenciar... Leio Miguel de Cervantes... Mergulho no corpo de Joaquim, meu marido, mas ele não está aqui... A guirlanda da Tailândia erige daquele vaso...

Misancene... A casa antiga fisga retrocedendo à luz... Vasculhamos... Eu e Tomás... Sei bem porque resolvi passar a noite aqui embaixo. Joaquim virá me soltar... Não consigo parar de chorar. O pombo molhado na boca de Gege, o outro gato, não se mexe... Estou parecida com Ana, minha filha... Tem nome de boneca... O problema é ter a impressão de estar sendo observada pelo relógio do corredor. O vigia está de cartola. É carnaval... Limpei o fosso: coloquei uma samambaia... Ficou diferente... Quando Jana chegar vou repor o braço que está faltando na boneca. Comprei uma de pênis e está ridícula... Deixei um broche ao lado... Puxei um baseado e coloquei um pó... Jana já chegou. Sabia que alguém viria me buscar... Amigas inseparáveis. Vamos?

São quatro. Sou sublevação, sou salivação... O eco do tempo instantaneamente tirou as empadas da padaria... Quero outra feita na quitanda. Subi na rocha sedimentar. O vison de coelho rendeu até ser despenteado... Joguei fora. Batalhas mágicas! Também quero essa revista da Alice... Quanto custa? O tule de João, meu filho, é azul... Durmo com ele... “Nessa noite mágica nada mais é igual e tudo vale à pena” “Do olhar a estória continua”... No dedal há uma pólvora... Quem vem frágil tirando-me as esperanças?

Saímos no cone sul: Me fecho, escorro... Desmancho por um sentimento fundido que sempre me encontra... A saída se chama universo... Jana aprendeu o que imaginamos e tornou isso ponto reluzente... Estamos aqui no Shopping Center, e amo a vida criminosa... Becos escuros, faces ocultas, sombras, sobretudos... Poluição sonora incita... Esta é minha lembrança... Muito charmoso o best-seller... Gamei no velho da capa... Deixei na prateleira e já chegamos do passeio... Que zumbido é esse? Insolitudes... Dulce... Meu nome... Fiz a janta. Não vou ao funeral de Isadora, minha prima... Estou cansada... Era como em um filme... Quando as câmeras desligavam, e Scooby Doo rosnava para o cinegrafista... A imagem simples era a mais perigosa... Não vou devolver a calça vermelha... Ficou boa e a touca também... Uma medalha de Maria estava dentro... Daniel ligou... Da Antártida... Vou comprar outra holografia... Sobre o mar... O trem partiu... Cida não atende...

Quem é essa? Jana quer saber quem é a pessoa na fotografia da caixa de papelão.

Sebastiana...

Levou o cinto e camelos carregados de ouro... A bigorna também... Sobramos nós...
O esmeril sumiu, acho que ficava guardado na cozinha...
Só não me mostre a cara de Neft... Nefilins... Gigantes... Uma fada se equilibrando em um botijão de gás... Deu uma umbigada e entrou... O chimarrão está mais amargo... Quero ainda apreciar Branca de Neve e não consigo... Está morta... O homem do fundo do mar é seu parceiro, mas não abre a tumba de cristal e permanece ensurdecido devido à profundidade das águas que habita... Delírio puro... Imaginação...
A janela se abriu... Vanglória, ou Neft, aquela fada, aparece vestida de branco... Disse que Mary Hellen partiu... Deixou o ovo que chocava... Jamais curtiu a parte achatada...
Em meu novo filme a cigana de Caraguatatuba será minha irmã fictícia... Barbara... Saiu na Vogue. O portão se abre e chega “Mandrake”. Retirei o lustre do escritório e estou fantasiada de Batman... Tomás está com o colete... Sumiram todas as almofadas... É o verdadeiro Mandrake... Horrendo e maravilhoso... O manequim vibra a decorar o ouro... Veste uma pulseira repleta de pedrinhas...
Cultivo uma plantação de papoulas onde habita um casal de besouros, são exigentes... Fica perto da porta que dá à garagem... Quando Etelvina se agarra às pétalas o monstro de pedra mostra a língua... No telhado colocou o circo... Daqui vejo os adornos replicarem nas harmonias... As flores... Quando regadas inflam as raízes e cantam rock como se as pétalas fossem seus vestidos brilhantes... Uma ficou reluzindo de vermelho! No lustre coroado da sala alguém deixou um bilhete... Estou de esmalte preto... O terraço parece de acordo com a cobertura densa do musgo... Ela escama o negro enquanto fisgo o bilhete fincado à armação... Puxo a corrente para acertar a iluminação e saio cuidadosa descendo os degraus da escadinha qual heroína... Ainda não vou ler o que está escrito! N o corpo de Esmagalha, a planta carnívora plantada no vaso do terraço, há plenitude... E a pá dorme prendendo sua goela... Abri a porta...
O exagero de Vera Pata é diamante... Um personagem que se refere à Maga Patalógica, mas um pouco diferente... Ela é ruiva e tem uma sensualidade maior... Por sobre a vermelhidão, ela força seus tamancos poloneses suxando o caminho rumo ao corredor observando as orelhinhas escondidas do ratinho dormente que são, na realidade, a cabeça de Minie... Ela canta... Diz quando chegará o juízo final e está descalça... Seus olhos são vermelhos... Toca violino perante metaleiros... Qual ré julgada por soberanos demoníacos... Decifra seu julgamento... O mato cresceu... Olhei a lua... A nuvem está em sua imago... Uma lesma brame e deixa o rastro... Minha peruca caiu... Quando atravessei o portão a samambaia estava morta... Agora vejo o Egito...
Aquela fantasia de palhaço arrasta-se entre figos caídos da figueira na terra... A joaninha belisca o hibisco... Escova as anteninhas com crina de égua branca... Quer ser o pônei unicórnio... Depara-se enquanto rama... Está de perfil e diz “Tic-tac”... Senta-se junto à mesa do café visitando os besouros... Está acontecendo uma conversa... A manga caiu da mesinha... Fiquei observando as peças de porcelana servirem aos insetos... Era algo sobrenatural, não existe mais... Estou amando estas visões... Já coloquei o cinto novo... Esparramo iogurte... Entorno açúcar e álcool nos ladrilhos... Queimei o bilhete do lustre sem ler uma palavra...

AS MIRÍADES DE CAMPOS DO JORDÃO

Saímos de balão... Iremos sobrevoar a Pedra do Baú... Vanglória está com casaco de girafa e quando retira os óculos de prata cor-de–rosa, parece bonita... Do alto vemos miosótis ao lago boiarem em chinelos japoneses... É uma montagem cinematográfica... Estou emendando uma cobra de vidro em meus braços... Anticristo... Quero parecer exótica!
Retornamos ao hotel... O sultão de lá fez arroz de micro... Saboreio ameixas e visto um tutu vermelho...
Caramba... Passeamos na feira... Eu e Vanglória... Os cabides de madeira expostos na barraca são vampiros... O malabarista funde-se à rua... Vera Pata, meu personagem, espiona tudo... Qual Mata Hari... DVDs... Sucos... Roupas... Queijos... Frutas... Bonés... A cabeça da cobra de vidro está erigida... Quando escorrego, as ameixas cantam esmigalhando o próprio negro... A barata, dona da calçada, traiu o marido... Disse “costas”... A linguiça está pronta... O amendoeiro faz o cone... O sorveteiro acena alegre... Vanglória vem descendo aos poucos... Está de tutu branco... Cortei seus cabelos... Bem rente... Está bonita... Somos atrizes rodeadas por um aparato técnico... A âncora, a bigorna... Não paramos de acenar às pessoas que nos cercam... Uma impressão diferente... Depois inflaremos balões até se espatifarem... Pelo jeito sumiu alguém... Foi Próspero, que estava de pileque... Entraremos a procurá-lo... Há neve artificial... Nas cordilheiras serei lesma...
A peruca é o disfarce da fama... Bronze avermelhado de Vera... Está mais moderna... Finalizaremos um novo take... A cena final do filme nas cascatas... Quero muita luz... A lua que reflete... Tin, tin, tin... Vera tomou uma poção e ficou careca... Vive a enxotar os visitantes indesejados... A armadilha a transformará em Medusa...

As ondulações já nos transportaram de volta... Vanglória desapareceu. Porque minha língua está emendada ao meio? Devo estar possuída... O peixe disse ao camrão que iria ser gay... Quando abriu o bico saiu leite... São

demônios exigindo algo... Alguém inventado ajudará em meu livramento... Pareço já ter vivido um mundo mais delicado...

O perfil de Jana é a história de Sininho... O refugo a observava qual sacristia...

Um monge infantil trás sua praga arrastando violetas... “Quem ordenhou babás pifou enquanto jornadas partiam neutras a entregar os malefícios...” Será que este demônio vai possuir também meu filho João? Abacaxi... É meu pensamento... Para afastar as coisas ruins... As sombras formadas com a lua cheia na janela vigiam... Saio correndo feito lua... Cuberal é o escorpião... Repete as palavras “pata choca”... Suas pernas me enlaçam metendo medo... No jardim maçãs matam cobras... E peras evaporam desaparecendo... Desço a escadaria petrificada... A noite vermelha evapora o granito... Venho de kimono preto sem mangas...

Então vocês são o Cáucaso... Quero pintar minha grama de azul! Mexo um caldeirão de flores... O nexo é o lixo verde ostentando um fígado roxo... Ele fala... É Esmagalha assombrando...

Sentindo salivação, arranco os remendos de Minie... Reação instintiva ao personagem... Instantaneamente aquilo que não era... Não foi real... Feitiço, caniço... Um hippie e um yuppie... Num lenço de cabeça estampo o pânico das multidões... Quase não posso ouvi-la... Obrigada... A música leva longe... Meu braço pesa ao prescrever... Descubro o segredo de um sonho... Era doce... Sinto trancos estonteantes... O violão soletra... O piano canta... Ruídos confessam certo um destino... Ouço risadas... Tudo entra em choque... Suavemente... Silenciosamente...

Chico Bento caçou um lobo... E foi ao parque brincar em naves de ficha...

Assisto os heróis dos quadrinhos... Engrandecem tudo... Pessoas se ajuntam aclamando suas virtudes... Vivencio cenas bizarras... E tudo vale a pena... Tomás e Gege quebram os galhos do bico-de-papagaio... Nesta máquina, a tela do computador dita costumes e maneiras heroicas... A cidade fantasma existe... Ainda atrás dos galhos quebrados... A velha fábrica foi demolida... Nas chaminés, e entre protestos, curiosos olham... De nada adianta... Armas, dor... O medo é a cabeça do dia enquanto você mendiga algo ou se esforça... O barulho do suplício... Relíquias foram dilaceradas... Tempo passa...

Vaca Amarela... Brincamos embaixo da mesa... Eu e Jana a produzir mais um filme... Sentimos esperança... Isto não é poema... Apenas momento passageiro... Tia Gui não veio...

Doze Arrelias arrebentam os botões da blusa mostrando os seios... Eles sulcam as veias... Permanecem amamentando os diabos arrebatados de rancor... Oliver, um deles, remenda os andrajos do cesto que habita... Vaticinando... Apaga-se a luz... Mas as velas iluminam... Esmagalha bebe cerveja e masca fruta-pão... Nada mais... Um nenê toca saxofone enrolando as madeixas e desfruta jogando bingo com a planta-carnívora... Tagarelam, cantam e gritam... A loucura está expressa nas sobrancelhas... Há uma continuação... Os sonhos cedem entes que chegam despidos quais desenhos animados... Esta alma penada está escondendo os dentes e espalhando o tronco... Procura alguma receita vestindo um avental para cozinhar... Maquina seu plano essencial... Traga a luz enquanto cozinha... Doce de leite teta de vaca e quebra-queixo... Tem o cabelo roxo e paira numa reflexão dramática... Estou perplexa com tanta dor... Disseram que ainda iremos estudar bolero mexicano... O cheiro perambulador da comida evade... Acuo... Três meninos espremem gentis, cogumelos... Comem mexilhão verde... Credo Cruz, como desenho exala! Jantando contam serem astronautas... Lunáticos meninos...

É dia dos namorados e os prédios desabaram... Não todos... Sobraram meio aos escombros os que piscam... Precisamos chamar os médicos para cuidar dos feridos...

Making Of. Chegaram mais dois convidados... Pegam batatas cruas na despensa e as engolem... Tudo tão diferente... Além do mais, dão sustos em velhas para ter certeza se não às engravidarão desse modo...

Nos umbrais oito hóstias-flores aceitam ao ordenamento das portas para exorcizar os demônios... Decoramos o bolo Mexicano com velinhas... Entra Mulher com Brinco de Pérola... Arranco... Ainda estou possuída... A alucinação não se vinga, mas me fita medonha...

Filtro o café... Não me importo mais em ficar aqui... Tenho a impressão real, outra certeza, que me vigiam nesse inferno... Minha energia vai sendo sugada aos poucos... Então, resolvo fechar os olhos e morrer... Aqui! Na casa assombrada... Alma atormentada que reflete à desesperança já posta em ofício...

Marylin Monroe escreve avisando a chegada dos médicos... Aleijadinho esculpe... A charada era ser serpente pra se livrar... E rastejar... Vanglória distinguia tudo!

Gargalha a plateia imaginária evacuando: madeira, ouro, nylon, borracha, plástico, pedras, vidro, cimento... Somos parte do circo armado no telhado... Aqui de cima percebemos ter ele se transformado em um teatro... O ator caiu do palco e desapareceu antes de se chocar ao chão... A atriz aguarda na coxia para viajar nos acontecimentos... Espera, a acender um cigarro... Parou na luz, pensou Gege... E voltou-se educado na afirmação do pensamento...

Para que espalhar milho pelos ambientes? Bip, bip... Um robô patina por esse telhado...

Finalmente as pedras secretas ficaram guardadas nos subterrâneos exorcizadas pelas hóstias-flores... Medrosas iguais a elas devido à fantasmagoria... As margaridas diagnosticavam a semeadura e determinavam a altura dos sopés, das lages... Conjugam, depois disso, com o pé de feijão... Fugimos do telhado... Queremos ser padeiro... Para matar a fome que virá novamente... Vamos nos alimentar com trigo, miolo de pão e pimentão... Há um menino... Ele não larga da mãe... As tranças dela pendem não lúcidas, e quando caem, voam... Ele sabe, e vai cedo sem ter...

Rio de Lava, é um livro que invento... Vou buscar castanholas... Sou a lava que sai do vulcão e não deixo de criar...

Chamamos segredo sem medo... Prímulas e Palmas do Mato unem-se damas ao lenho... Quem chegará?... A minha mente ficou repensando a escrita alheia quando coloquei a peruca e uma coroa... Por favor... Entrem... Prímulas de outono... Quando as castanholas batem chacoalham lastimando... As farpas lisonjeiam os barbantes e escapam ligeiras como armas... O repique do triângulo soado de algum lugar por algum ser despede o clássico réquiem dando coices ao som... Estamos num rio de pedras, a caminho de Palma de Maiorca... Escorrego em pomos de aço... Estou sonhando acordada... Ouço serenatas... Vertentes... Um olho gigante enfia uma vareta pela garrafa... Estou dentro dela... Preferindo aqui... Não vou subir pelo espeto! Sou daqui... Converso com a montanha e me alimento com os pomos de aço... Rejuvenescida... Faça isso! Ponha o dedo no chouriço... Arranque um cisco... Pareço atuar em um sarcófago sem relógio... Deixe para lá... Acordei!

A lenha despenca dos cantos... Chapeuzinho Vermelho passava uma corrente em volta aos toros... Quando caiu... Caiu rente à orla dos rochedos no mar... As solas de seus pés ainda vociferam... Está suscetível ao perigo e confundida com a bruxa de Oz... Wendy escapa sorrateira levando azeite... Dura, esparsa... Igual à arca da aliança... Nos rastros delas lemos... Para disfarçar suas costas pinte-as de vermelho...

Jana fura o blush... Com o pincel, arrasta os pelos e engrandece a face... Puxa a sobrancelha... Descolore o buço e passa a escova... Sei que escondeu o presente numa caixa de fita verde... Doze menininhas vivas escondidas... Na caixa... Melhor deixá-la fechada... Pigarro... Vou procurar uma extensão e um abajur pequenino... Quero conforto...

Passeamos num “Zoológico Futurista”... Os morcegos devoram mariposas híbridas... Apitam o silêncio que há... Passamos pelos túneis sem retroceder, que quando as luzes brilham, adoramos a beleza... Durante o momento mais tenebroso os funcionários não piscam... A enguia circula junto à raia... Tubarões atacam sereias transformadas, e o alvoroço na água putrefa diante de nós... Assistimos o fim já sabendo que o atravessaríamos... Que um barco nos espera para outra aventura... A formiga gigante empalhada grita... Para nós...

Tentamos tirar a bailarina Vanglória do vaso... Estava esquecida ali... E as espáduas da saída não a deixam sair... Que susto! Quando eu fumava e redarguia misticamente à magia, ela se tornava presente... Continuo apaixonada pela sua dança... Foi o motivo de ser Vera Pata... Cruzo as pernas e penduro um medalhão em meu pescoço... Tomás trouxe um arco e flecha e um bumerangue... Quer ajudar... Impera o Gato de Botas em nosso próximo caminho... O lanterninha de quepe aponta meu lugar... Sou um jacaré... E fumo sentada à poltrona do cinema... Vanglória canta inspirando as palavras que vêm... Ícone, bobo da corte, cebola, bolinha de pano, mosaico, corpo de gesso...

Não é expiação! Vera também voltou... Finca os pés de pato no chão do banheiro e ouve o espelho soletrar à cara que o encara: Você foi a alquimia; desapareceu! Boca quadrada, olhos perspicazes; e gostava das fadas... Ao cubo e insana! Com capuz, desatinada, amassada, careca, premiada... Expressa a bruxaria pregando premiada no Cabo Sul... Degeneração encorpada na abóbora jiboia de unha cortada para feitiço com expressão retangular contida dentro de uma elipse total... Medusa horrenda! Passa o pé na abobrinha porque a capoeira maldita expede um capacete de luz... Vai ter porco com xuxu!

A inspiração da próxima saga... Rabiscar em seda, pedra branca, remos, máscaras de mergulho, corpo ensaboado, música sublime, mola solta, peça escandinava, pintura delgada, armação de arame, lugar arredio, ouro sadio, prata esfoliada, crocodilo mulato, cisne gótico, urso-polar, cereja da morte, uva da amizade, saudade da reapresentação, rosto de cobertura, poção letal no tonel, letra de ostra, gravador, gramofone e força bruta...

A partir daqui, mais dissertado! Jack chega de surpresa. Jack é o personagem de Joaquim que veio me buscar... Está incorporado em seu papel e sabe de mim...

Quando entro na jaula para domar, o leão também eclode... Permanecemos quietos ao bailarmos circunflexos num jogo hipnótico... O traje rico emana a aura de perplexidade da domadora em um circo evadido... Na elegância dançamos chicoteando... Os arcos de fogo encorajam nos irrompendo... Queremos ser Deus... A circunferência da jaula enaltece nosso artifício...

O tango executado eleva Jack entre andaimes vaporizados... Ele filma e dirige através de trilhos infinitos... Himeneu prensa infinitos números... Espetáculos... Graças... O galo azul destrói o aquário gigante... A caixa de vidro... Fazemos uma balsa para nos salvar... Reinamos... O Coxa, um pirata... Hic... Hic... Evapora o rum saboreado... Festejamos improvisando... A pena transparente cai na caverna... A toca da anêmona... Terra do Nunca... Personificada passagem... Escalamos montanhas feitas de madrepérolas... A foca Joca solta um pano de amarração... Bigodes gigantes de gato fulguram... Esticam... Puxam siameses evocando Salvador Dalí... A bruxa sem braços é um pau na vareta... Tem nome de homem... Fritz! O polvo é a porta do mar... Os grilhões, seu coração... Baleias e conchas gigantes...

Jack ameniza a temperatura do ambiente... Localiza ao mirante do navio a caravela inimiga... Ordena, e o canhão atira... Tem pouco tempo para afundar... Avista uma marina branca... Baú de tesouros... Terra de Peter Pan... A cauda da baleia resplandece... Uma sopa na superfície... Peixes pulam... Chicotes, cipós, rede... O que esmaga o momento é a cor da aventura... Prisioneiro com flor ao pescoço... A noite raspa no rosto... Medusa amarra a ostra na prancha... Prisioneiro vai à força... Masca essa... Félix não confisca o navio... Rabo espicha... E quem fofoca? Piaf aparece gozada num escafandro... Procura Glarigaf... O cigano mágico... Depois cantará no convés... O autor dessa estória abre as escotilhas e sobe à proa... Mantém a viagem tranquila... Os ciganos já preparam o fogo... Alvejam coroas... Forram

perus para a ceia... Preparam feijoada...

Ao aspergir a memória, caminho... Pedinte, a não enxergar mais o fim... Minha filha pequenina brinca... Quer luz de bonecas... Todas de camisolas... Juízas que planam a confessar... Os bebês moram no jardim de dentro... Esfrego a lâmpada dos desejos... Quero frango... O doce queimou... A pinga desinfeta o gargalo esquecida no armário... No parapeito coloquei um vaso de flor... Desenho jacas e melancias... Inverossilvemente porque enquanto o tempo me mata sou cor... As ferramentas oprimem Vanglória que aperta o botão restante do submarino... Vai submergir! Quer atravessar o mundo até chegar a Bedrock... Balões falam... Quais nos gibis... Despencam... Há recrudescer... A cena está alta... Verte cedo a luz da manhã... O campo de golfe engolfa os habitantes da idade da pedra... Perto, a plantação de abóboras se aprofunda crescendo... Fred Flintstone prendeu Fu Manchu que rui... Enferruja acorrentado a um poste fincado qual muda de árvore junto a outros prisioneiros... Escavam na antiga mina que parece uma velha caixa de água formada entre fendas nas rochas... Girassóis de outra plantação que há lá perto se mostram em falanges felicíssimos...

No bar mulheres suspeitas usam o banheiro... Eu, Vera, as vejo através do espelho secreto de betume aqui no escritório... Há muita pelúcia decorando o ambiente... Saio por um túnel que liga o lado de cá à recepção... Confisco suas bolsas penduradas aos ganchos... Sei que dentro de uma está o amuleto que procuro... Vou fugir sem deixar pistas... Jamais serei pega... Assim, finalizo a trajetória de Vera Pata...

Nosso avião a jato partirá cedo... Joaquim, Jana e eu... Tia Gui veio nos buscar... Nos levará ao aeroporto...Ana está junto...

Asistimos Guerra nas Estrelas durante a viagem... Tomás e Gege estão do tamanho ideal... Miam... Miam... Miiiiaahhhhhhhauuuuuul... Bom Bom dorme profundamente feliz... Joaquim empertigado soluciona algum crime de ficção científica... Esmagalha usa um perfume frutal... Atrelada a um rock virará boxeadora... Nocaute... Recorto os balões dos gibis... Os colo em uma cartolina... Inspirações de minhas novas falas... Vanglória está disfarçada de gente... Um novo personagem ruge de algum lugar... É um comedor de salames profissional... Terei responsabilidades supremas... Deixarei de trançar massas e pensar em pedras de arroz por algum tempo... Saxofone retine... O corno de tocar está arrebentado...

Chegamos! O ar do escafandro acabou e o golfinho risca um sambinha a esquentar os tamborins... Que não abandonaremos o tema do mar... A foca segura um estandarte com motivos de cavalo marinho e evolui aprendendo malabarismos... Raspa os bracinhos ao mastro e imerge... Esfumaça a boca na água salgada... Gera um redemoinho ao nadar em círculos... Pinto com esferográfica a fotografia de João...

A estadia no hotel Estrela do Mar está maravilhosa... Fica localizado pertíssimo à orla... Preparo-me para sair... Vou encontrar todos no restaurante aquático... Vejo que tomam cocktail... A água está deliciosa... A vida está exposta em meu rosto... Produzo um som agudo a soar em minha garganta a expressar meu íntimo... Rabisco feito louca... Saiu desenhado o presente... Transformada em sereia saio... A festa iluminada no terraço sobre o mar erige como ovos de Páscoa... Caixas de música... Verdes, vermelhas, azuis... Marcianos cavalgam junto à nós... Zelando... Quando saímos do baile estávamos dilacerados... Domínios surgem oníricos em minha mente... E Tomás empresta uma capa a Gege... Enquanto Joaquim tira o chapéu, põe um manto também...

DULCE, AQUELA

Holofotes âmbar iluminam Dulce: Estampam a figura natural da mulher perante o público acolhedor... Está lá para dissertar, e os microfones diante dela antecipam algo do acontecimento... Ao seu lado o flautista inicia a música sublime que a acompanhará no evento...

Vivo enrolada num cesto a sondar
Aspergindo veneno
Enquanto mordo
Sou uma serpente
Sem complementos
Igual à vegetação.
A vida barroca é minha indumentária
Sibilo e danço o deserto sonoro
Visito duas aranhas vermelhas
Há uma rama folhagem vermelha
Medo? De viagem...

Azul... É a escrita...
Faço um balaio de penas
Quero ouvir o som da trompa... Da tuba...
Rastejando alcanço seus olhos a lhe dizer...
“Quando seu sorriso imprime um ardor ingênuo escondendo lágrimas irrefletidas...
Pleno a querer
Feroz arrebata forte meu instinto... Tão impressionante a buscar e ter!
O talento decifra a encenação desfazendo o fel da paixão,
Brotará ainda um choro sufocado, deixado de lado
Suprimindo a dor.
Somos fugitivos
A deixar a vida rolar...”

Já deixei a pele de serpente...
A transformação exige
Algo a mais de mim...

Acende-se uma luz negra sobre ela

Vivo em flashbacks... Igual à memória de uma vida
Inconsciente...
Devaneio em bistrôs, e boates
Há esfarelar o tempo...
A aura repete as palavras reconhecendo revelações...
Apaixono-me perdidamente... Não existe refúgio...
Leio amores incestuosos
Liquefeita, maldita
Salvarei vidas... Não abandonarei a paz...
Páginas arrancadas não impedem meu sucesso...

A ação persiste, há cortes pertinentes
A fotografia emoldura a dimensão...

Organizamos uma festa...
Vocês
São os convidados
Arrastamos um tesouro até o palco
Espalhamos pedras preciosas
Pelo ambiente...
Discorremos desejando vocês...
Abro o vidro de perfume cigano para batizá-los
Boa festa
Desfrutem a alegria
Podem entrar...

A PERNA DO PALHAÇO

Lauro tremia por sobre uma tábua semelhante a uma prancha, estava em um picadeiro repleto de água quando Leonor chega de repente para salvá-lo... A tábua era equilibrada num cone que media mais ou menos um metro e servia como bebedor ao elefante Jibão... Aparecia iluminado e colorido entre branco e amarelo... Leonor,

uma negra Anastácia, sorria enquanto o segurava pelos braços... O tremor do palhaço evidenciava-se cada vez mais ao pavor forçado do dilúvio que cessava amenizando o fim... Observava o negro da negra envolta em seu lenço de seda larga, que escondia uma vasta cabeleira... Sorria... Sorria...

Ao lado de fora o circo negro e acastelado por causa da grande quantidade de torres eriçadíssimas e gigantes, calava-se medonho pavimentado ao chão... Não se via dali nenhuma jaula nem trailers... Estavam do outro lado do muro... Por um buraco podíamos espiar tudo... Em silêncio...

Perto do trailer de Leonor os cascalhos sujavam seu quintal... Praticamente rabiscavam a área e centralizavam o caminho até a primeira rua... Perto de uma bica de água cristalina... Arredara ali o portãozinho de Carlitos, um dos palhaços da trupe, arranjando o espaço... O movimento dali era estranho porque quando alguém punha a cabeça na rua, parecia ver uma ladeira... Com Calhambeques parados sem ninguém... Todos lustrados e brilhantes...

Eu, Leonardo tinha treze anos... Olhava por um furo que havia no muro... Vi um enxame de marimbondos escapando e envergando-se em minha direção... Corri feito louco!

Os Calhambeques tilintavam pela pracinha central quando me deparei com eles... Imediatamente Adoniram me chamou. Era um velho amigo que vivia só e gastava o tempo na cidade à procura do que fazer... Tenho duas entradas para o circo hoje à noite... Aceita? Convenceu-me a usufruir o passeio. Guardei-as no bolso da calça e agradeci... Costumava conversar com ele desde que a máquina de sorvete chegara à cidade... Teria que pular a janela e descer agarrando os ferros do cano... Tinha prova de ciências e minha mãe não iria me deixar ir...

Fui cuidadoso... Na volta escura a cabeça olhava a terra quando pus a mão no bolso da calça e encontrei um vidrinho cheio de sésamo... Estava lacrado com cera de carnaúba. Provavelmente uma brincadeira de algum colega da escola... No momento em que saltei a janela do quarto, vi um berço pequeno com um palhaço dentro... Era uma marionete...

Lauro, Leonor e Labuta procuravam a perna do palhaço que estava perdida e ficara escondida em uma mala dentro do trem... Com uma lamparina pendurada a um cabo eles seguiam Lauro que saltitava em uma perna só... Leonor vestia-se qual noiva caipira e Labuta era sua neta... Várias mariposas rodeavam o pretenso candeeiro... A criança as espantava nervosa... Era um anão! Na encruzilhada perdiam-se e encontravam-se iluminando a trilha do trem que estava parado depois da ponte sobre o rio... Lentamente arrastaram a comporta e entraram no vagão... A mala estava jogada a um canto... Pegaram-na e partiram... Após o retorno não conseguiam abri-la de jeito nenhum, mas já forjavam uma nova chave... Em seguida, Labuta passeava no Chapéu Mexicano... Girava... Girava... Ao abrirem a tampa viram apenas a cabeça do palhaço e levaram um susto!

Durante o café da manhã as cortinas da cozinha permaneciam presas... Dani, minha mãe, ficava quieta à pia enquanto eu comia... Suas pernas lembravam as cenas da dona do Tom do desenho Tom & Jerry, e assim entornei o resto do leite... –O furgão chegou!disse. E desejou boa prova quando parti...

Os planetas giravam igual o anão divertindo-se no Chapéu Mexicano... Parecia também estar vestido de noiva... O rei dos palhaços, Caruso, havia roubado a perna de Lauro. Este ainda aleijado, foi direto abrir a caixa mágica após o episódio do trem... Marieta, a contorcionista, o esperava lá dentro, e falou, você já viu a cabeça dentro da mala! Leonor, também! Prosseguiu inquirindo quieta. Os maxilares proeminentes dela delatavam sua perspicácia, e não por isso, havia se transformado em uma cozinheira porreta! Olhava reta desamassando os véis do vestido azul...

O anão ia à venda para trazer os ingredientes necessários para o almoço... Às vezes puxava a roupa dos fregueses pedindo ajuda... Chamava-se Lauro também... LABUTA! Só de noite... L L Labuta... Havia estacionado o Fusquinha à porta... No circo usava o Calhambeque... Os carros eram adaptados a ele... O dia em que foi obrigado a entrar no canhão acabou feliz, apesar do desespero... Magnólia, sua mulher, disparava o fuzil quando acendia o pavio... Era sempre ela... Tornara-se patife por amor... Esse dia morreu violada... Pensava no King, o domador, Lauro em Magnólia... Virou-a de bruços... E deu um salto mortal... Quando se esticavam no trapézio, Brutus, o dono do circo, benzia... O povo, a gameleira, até o picadeiro... Era também o padeiro do povo... Olga pequenina brincava na gangorra lá fora... Era a filhinha dos anões... Gozava no breque do movimento com Lúcio, o mágico, que lisonjeava o modo como ela perdia o buquê... Penélope não tem vestido de noiva... Por isso tece... Dizia ele, e ela gritava gostosa gozando no breque do jogo... Até que Lúcio parou para retirá-la triunfante... A brincadeira dava certo...

O mágico guardava as falsas pombas na gaveta e as verdadeiras pendurava ao lado da janela com floreiras... O trailer de Lúcio era o único puxado por um Calhambeque vermelho...

Olga dilacerava a bainha do vestido sem perceber, e os cabelos trançados repudiavam a própria cabeça... Torcia-se naquele momento em que refazia o caminho da brincadeira, e foi brincar com Penélope, sua boneca... Ela tinha três vestidos e mamãe Magnólia os fizera!Dava-lhe a sopa do dia...

Lauro fazia serviço de carpintaria quando o pequeno trailer onde morava acolheu o rei dos palhaços que apareceu gigante... Entalhava as pernas das mesas em frente à morada... Continuou tranquilo ao escutar a determinação de Caruso, que prometeu lhe devolver a perna, caso cumprisse a lei dos palhaços... Acabou os pés das duas mesas e entrou pensando na presença do fantasma febril... O gato Diomedes começou a miar em cima do teto para espantar o inimigo... Que lustroso partiu pelos arredores...

NAQUELA PLACA ESTAVA ESCRITO... “Trilha Perigosa” ; Leonardo, Adam, Joel, Marcel, Ed e Leon.

Provavelmente voltaria ao espetáculo... Aventureiro como era, avisei logo os colegas da escola e afoitos combinamos o dia do passeio... A caçada que praticávamos na tarde ensolarada estava boa... Não avistávamos nada, mas os lobos ocupavam as cavernas... Andávamos demarcando o território e espalhamos duas armadilhas... Ficaram posicionadas em lugares estratégicos... Nas moitas próximas à água... E perto à árvore principal... Na estrada não havia movimento... Espairecíamos enquanto comíamos sanduíches... Isso nos isolava mais e mais, porque cada um se ocupava de seu próprio negócio... Mastigávamos exilados... Tínhamos avisado nossas famílias e percorríamos uma distância grande averiguando o pacto entre os seis amigos... O lobo deixara um rastro... Na linha de trem... Havia dilacerado um coelho branco...

Amanhã iríamos ao circo... O ingresso restante ainda valia e já tinhamos comprado os restantes... Nos encontraríamos na casa de Joel...

A janela escancarada da casa de Joel atraía-me deliberadamente... O móbile de peru tinia adiantando a alegria natural que o circo iria nos trazer... Comíamos biscoitos amanteigados e Javert nos levaria de carro... Sua esposa Marta conversava para entreter-nos, e parecia nos convencer a aproveitar o evento em uma expressão maciça que tornava a noite mais agradável...

Carlitos e Lauro rebaixavam um calhambeque... Verdadeiramente zombavam da plateia arremetida aos gargalhos... Para os artistas, eram risos espaçados... Onde cabia o universo camarada dos animais adestrados... A bailarina grande equilibrava-se em pé sobre o “Unicórnio Sissy”... Pairava aérea e não caía... Sissy bailarina e Sissy unicórnio galopavam inebriadas ao som da sanfona... Lúcio regia a orquestra enquanto Acordeão, outro palhaço, esperava pela queda que não acontecia... Uma bola embaixo de um dos pés de Sissy não saía do lugar...

-Atenção! Lauro arrancava o motor do Calhambeque e partia sôfrego... Tinha sessenta kilos! Carlitos puxava uma rolha numa garrafa fazendo barulho de estouro a substituir o ronco do motor e arfava pedindo aleluia... Não saia do lugar... Sabia o teor da graça... Na trigésima volta de Sissy, que competia com ele no picadeiro, colocou Tropeço na história, o namorado da equilibrista... Um corno! Coroado de anão; Pavio estourado no estrondo! Carlitos coçava as antenas do pretenso humorista Tropeço falando ao microfone: Anão Pavio rebocado tal e qual viking bem deseduca a família... Sissy, com ele, traiu o namorado toda eriçada no chafariz da praça matriz... Engoliu o troço dele e saiu... Uma vaca!Pariu sete vezes e Pavio Labuta teve a chance... Dançavam na saleta em duo, trio emancipando o tamanho da traição... A cegonha pressentiu... Sumiu! Magnólia fugiu desiludida com a filha. Quando Labuta partiu deixou as meias, o paletó e a culpa... O nariz meteu em outra cidade... Já havia sido chutado na porta do trailer quando domador King chicoteava por perto e o viu abaixado triste na escuridão... E berrou: Ela te largou!!! O pequeno foi pro cesto e ainda cruzou os dedos em sinal de luta!Era tarde demais... .

No Circo da Ilusão sempre havia uma bailarina mais alucinada do que a outra! Vocês já repararam? Era Marieta da caixa, ainda de azul, recitava olhando para Sissy... Sissy unicórnio também virará boneca de piche! Vou continuar a ficar com os braços esticados nesse cabo de vassoura meio envergado para alongá-los e poder arrasar durante o espetáculo... Quando eu trancar a caixa você estará debaixo Sissy!...

Aprendia o modo de cultivo do sésamo... O delírio do palhaço marionete no berço ensinara-me que o rei dos palhaços, Caruso, cavalgava durante o plantio para enterrar e proteger as sementes... Cantava nos sonhos a semeadura... Os trigais aplanariam o sopé do morro e dificultariam a ação dos lobos... Podia escutá-los rosnarem nos carvalhais, ao fim da tarde, já no começo da mata... Os cravinhos perfumados nos riachos defloravam vertidos na inclinação do sopé até os carvalhos... Que emparedavam desta vez a entrada... Bastava prosseguir, mas uivos rebatidos nas pedras não aconselhavam, e chacais e raposas dilaceradas estavam incomodando a população... O avental sujo apitava a hora de lavar as roupas sujas quando bateu o sinal!

As armadilhas continuavam intactas... Ed transmitia as informações através do walkie-talkie... Joel fora à caverna e encontrara resquícios de fogueira... Adam viajara com a família e chegaria quarta-feira... O certo seria mantê-las em vistoria... Mas encontrara Leon e Marcel na cidade quando Adoniram se ofereceu para levar-nos ao velho Pontilhão... Iríamos de caminhão e voltaríamos antes de escurecer... Transportaríamos uns tonéis de leite antes do passeio e estaríamos livres...

Um homem dilacerado jazia na vau do rio... Estacionamos o caminhão e reconhecemos Noé, que trabalhava na igreja... O horror nos fez eternos, mas Adoniram iria telefonar à polícia quando chegasse... Tudo estava cumprido, e assim nos deixou em casa... Continuamos o trabalho pelo radar de transmissão. Dessa vez, Adam tinha perdido a aventura a não saber de nada quando chegasse e procurasse qualquer descoberta...

Logo de manhã Leon ligou para ele e contou o ocorrido... Adam despido com espada foice agarrava a tez da novidade... E era arrebatado por ela...

O crime estava demorando em ser desvendado pela polícia...

Decorrido certo tempo a cidade recuperava o ritmo normal...

Noel colocara narizes de palhaço nos cotovelos... Era o dono do restaurante mais frequentado... Abria os braços em asas e os batia para dar a impressão de graça... João e Maria, seus filhos, mordiscavam-lhe as virilhas iguais

anjinhos a participarem de sua cena... Noé fora assassinado à tarde... Próximo à caixa d'água que irrigava o milharal na vau do rio... Benzia toda a gente no culto da igreja junto ao padre... Noel roubara o regador de Noé, seu próprio irmão, pois assim ele deixaria de importunar as pessoas com preces indesejadas... Numa atitude ruim pensou ser capaz de afastar o mal que sentia... Noel caíra nas fendas da Toca das Pedras, lugar retirado parecendo um castelo natural pelo formato das rochas, onde chacais e lobos haviam formado um cemitério natural... Perdera-se ali, mas retornara ileso... Maria mascava um strudel de banana com queijo... Entre seis margaridas brancas de perfume... Vovó Green, sentada a uma das mesas, brincava com os netos... Dava vida a bonecos de pão branco incrustados com ameixas e milhos... Margarida sim... Ofélia não! Lustrava as venezianas comendo os dois... Gota Bola e Neve Maia, os bonecos de pão... João e Maria... Rabiscavam inconscientemente as crianças, os diamantes do ermitão que vivia há anos próximo à Toca das Pedras na floresta, preservando o lugar... Escreviam um destino trágico, como se já estivessem dentro do estômago da avó... Beliscavam roendo a laca que havia ali... A velha barriguda havia escondido os gudes de brincar dentro da pia... Suava radiofônica imperando sua própria odisseia... Triturava apertando os dentes e gemia... Não anotava nada... Apenas tremia para provar ao povo que gastava os dentes rangendo de adoração por algo maligno... Seus olhos perseguiam as pessoas que chegavam para o almoço chocando-se a eles quais andorinhas marginais... Nossos filhos ficavam iguais pardais em cercas médias... Legitimavam os fregueses... Amores-perfeitos de Vovó Green...

Um coelho de fantoche regava a plantação e olhava o céu... Sobrepujava a delinquência dos circenses... Igualava-se a Deus... Na base da cidade que estava quieta num rito satânico que se impunha a dominar a população, ele caçoava do diabo ao empalhar camponeses... Cuidava de suas casinhas...

Tropeço amarrava os cadarços do sapato enquanto tramava observando guaxinins... Estão sem mancha na parte branca dos olhos... Observava... Logo após, arrancava voraz o chifre de Sissy, imitava uma voz artificial qual bandido enquanto agia... Vingava-se, desse modo, da traição acontecida... Tropeço tropeçava em seu próprio troféu lixando cascos de mulas... Sissy cresceu até encaixar a cabeça na caixa de Marieta... Acordou em tremenda maldade e o seu corpo, entre véis, encapava a lordose que disfarçava... Pegou seu elefantinho de marfim em modo de partida... Vestida como equilibrista esguichou o humor internalizado elevando os braços acima da cabeça, ostentando também, um búfalo de pedra; signos de força; que se transformaram em símbolos de sua queda... Fez isso parecer o escárnio da bailarina, avessa então à companhia, pois suas tamancas haviam ruído ao sul do continente... E os filhinhos bastardos já haviam voltado para Mercúrio...

Na caverna extremamente inclinada lobos e chacais felavam sem orelhas... Derrapavam míseros em cangotes alheios ao rebocarem a pedra de entrada... Não havia paz... A descida embocava quinze deles na baixada de dentro, que servia ao jogo criado entre eles... Gozavam reunidos... Atiravam as cabeças enviesadas ao esconderem-se quais feras assassinas... Em bustos diferentes e iguais elem ganiam... Longe de terem olhos infantis... Misturavam-se cruzando suas raças e imperavam tendendo ao híbrido que surgiria... Um tipo de cão com pelos engomados... Monstruosos e embalsamados nestes bustos eles jogavam-se ostensivos ganhando a empreitada... O campo de partida era o areal...

O que acontecera durante o meio tempo de investigação fora guardado em sigilo e a população não tivera acesso nenhum a qualquer novidade...

Da parte de nossos amigos, Adam fora incumbido de retirar as armadilhas em segredo, e o retorno do jovem condecorara o pacto entre os amigos... A alegria e o mistério tinham sido exaltados apesar dos lobos vorazes...

A limalha espalhada fora suficiente para espantar gambás selvagens também... Quatro haviam desaparecido... A discagem mental e inconsciente do eremita Ka clarificava os pertences da floresta... Elucidava coisas deste modo... Exultava terno e elegia a sanidade deixando a gruta que habitava pelo caminho interno que ali havia... Era ateu, e havia ajudado invisivelmente os jovens... Amordaçava os lobos sem dizer... Husky! Protagonizava o entendimento da magia que dominava e mantinha os animais sob controle... Apagava o sangue da violência ao mergulhar no rio que transpunha a caverna a lavar o espírito na água límpida... Chegava, assim, à saída oposta... Pouco depois, caminhava úmido rumo à cidade... Gastava pouco... O que tinha... E raspava os dentes, sabendo... Quero fumo...

A andrógina garçonete cumpria o expediente... Ofereceu o bife ao eremita... Ele quis... Kiss... Usava luva de braço e cinto de crina... Ruiva... Voltou ao toalete para escovar-se... Punha lavanda forte quando a dona ligou o som... Claudine prendia os cabelos de modo a valorizar as maçãs do rosto e pintava-se diariamente... Quieta e galante... Cobrou pelo bife e entrou no Landau... Traria pães... E charutos... Ka partiu deixando aquilo que aprazera na lanchonete quando viu o cata-vento ao caminho... Ermitão, eremita... Fumava o cachimbo da paz... Despencou o vento e virou o cata-vento... Rumou para a praia tão longe e bonita... No caminho os índios quiseram decifrá-lo... Por isso deixaram as atividades e achegaram-se a ele... Apitavam flautas fortemente e sorriam... Ka retribuía...

Disseram haver homens vermelhos de cobre aparecendo na Oca, próxima ao cata-vento. Eram reluzentes de óleo... O batuque regido imperializava Ka ao tempo em que perdurava no cachimbo... Atara-o à cintura... Os cavalos também atiçaram a terra, e perto da estrada que levava ao mar despediram-se...

Ka preparava o fumo... Dissertava algo sabendo sobre a vida do camarão... Evocava raspando o pé na areia... No cata-vento enterrei o vaso de margaridas... Profetizou... Já era noite branca... Ventava forte... Deixou na rocha o colar,

presente dos índios... Adeus... Pensava...

Chovia! A torrente irrigava o abacate cultivado... Lauro tem a história mais maluca que eu já ouvi em toda a minha vida... Anunciava Carlitos ao conversar com os circenses espalhando a notícia... Noel fuzilava os cafetões da cidade e estuprava-lhes as menores ainda virgens... Enterrava-as em Cemitério Cata-Vento formando um terreiro tenebroso... Antigo cidadão que preparava e assava toda a carne no dia da celebração para servi-la aos clientes... Lauro escovava a crina da égua... Dizendo... Bom espetáculo...

Noel era também o assassino do próprio irmão, morto com uma pancada na cabeça e dilacerado pelos chacais famintos soltos por ele diante do cadáver...

Cantavam os fiéis levados pelo padre... O berço do palhaço estava ao fundo... Sendo embalado por sua mãe... Dorothy... Observando bem, podíamos constatar que o rosto do palhaço no berço era o de Caruso... Ostentava um rosário límpido cor cinza, e as unhas desfilavam ao ritmo do banjo apertando as correntinhas... Tinha o tamanho da mãe de Joel, apesar do rosto ovalado... Senhora Marta... Porém Dorothy, ente responsável pelas aparições de Caruso, não se diferenciava dele em seu caráter sobrenatural e onipresente a hipnotizar fanáticos... Rainha maldita prenunciava e avassalava a vida da população, sendo precursora de dois tempos, o passado e o presente... A sátira aparecia nos versos harmonizados em coro, e os solistas mandavam ver... A chance dos irmãos fiéis era elucidarem-se diante de tanto ódio... Porque os indigentes cooperavam sempre... O solista que estava presente já batia as teclas do piano encostado ao canto preparado para a execução da música... Abria-se um leque de pessoas e de luz próximo à janela... Rumaram em procissão até a casa de Noel, que os abarcou com oferendas... Sorriam afetados pelo malefício... Não havia culpa consciente neles... Acorçoavam julgando e castigando quais Deus... Noel, mentor da seita, era protegido por eles... Transgrediam a lei e agiam de acordo com a índole maligna que se impregnara neles, mas acreditavam-se sãos... Haviam ateado fogo à casa dos investigadores durante a noite para preservar a liberdade de Noel... Protagonizavam um novo comportamento regido pelos fantasmas... A cidade incandescia na loucura e os olhos dos habitantes eram velados pelo poder do mal...

O coelho espelhado da misericórdia triturava-os... Retinha seus pecados... Era o dono do pedaço... Esfolava seus comparsas a despir-lhes para caçoar... Os retângulos dos dentes batiam qual foice a dilacerar... Não escapava intacta aos seus olhos... Descrevia isso num diário, através de um desenho, não explicando a ninguém o verdadeiro intuito... Quero coelho assado e sou filha do anão, com a anã mais pagã do mundo... Olga... Ainda pequenina... No circo do juízo final não escapamos, mesmo já estando longe... Brincando com tostões mordidos pelos leões... O mágico alugou o trem diagnosticando a vilania... Entornou álcool chupando pirulito... Vendeu tudo para cessar a dor dos oprimidos...

O biscuit enfeitava a mesa espetado em tortas gélidas de doce... Chocolate e creme... Esperavam ricos as “bumerangues bocas” retransmitirem a notícia: O paiol está com a porta virada... A população invadia os lugares procurando exercer justiça...

Adicionamos ao povo o divertimento do circo, e também por isso, farfalham no Bristol... O cinema da cidade... Como se não tivessem culpa... Passam pavimentos e bandeiras... A banda trabalha no desfile oficial... Bombas estouram em safáris lisos e belos... Um galo gigante conjuga-se ao coelho de fantoche e bebe no cantil de odre... Bica... Bica as tortas de doce... Estraçalha o biscuit dando o resto à mãe...

Puro Pecado (Pure Sin)

Nossa voz começa a mentir
(Our voice begins to lie)
Quando amigo Noel coloca o chapéu
(When friend Noel puts the hat)
Ele trás o tempero
(He brings the sausage)
E imploramos a ele pelo indigente…
(And we beg him for the beggar…)

Amigo Noel
(Friend Noel)
Amigo Noel

Todos os dias o esperamos sentindo saudades de nossos bebês...
(Everyday we hope you all are longing for our babies…)

Senhora Dorothy cambaleia em suas próprias pernas colocando a cabeça em despedida…

(Ms. Dorothy stumbles in her own legs putting the head in farewell…)

Fliperama… O aço não corrompia deslizando na pista... A passarela acolhia fazendo o movimento derrapar... Subir... Descer os andares... Ele implicava quando embotava nas casas ligadas... O placar aceso advertia mostrando morcegos em revoadas... A mulher sensual entornava a bebida oferecendo música... Partilhávamos as bolas de aço enfileiradas impulsionando nossos dedos jogando e apertando botões...

Comparasas da vastidão, os seis jovens rebelavam o que restava de uma sociedade ao converterem o cristianismo em crença... Aventuravam-se denegrindo a paz... Os lobos haviam evadido por um verão ameno... Não trucidavam mais... Proclamavam a solidão distantes e discretos para preservar a espécie... A ferrugem corroera os dentes de ferro das armadilhas esquecidas na garagem da casa de Adam... E novas coisas substituíam as velhas...

THE NEW YORK TIMES

Bela, a nova equilibrista, já chegou do Jardim Zoológico, baldeada por Marieta… Que alimentam Leopoldo… O novo urso-polar… Preparam um lugar especial para ele, rodeado por pinheiros e eucaliptos… Criado em estufa, o urso já se acostumou a elas… Mas a sedução de Marieta é voragem… Ao adorá-lo desde o nascimento… O amamenta com o dever dos que amam à primeira vista... Descobre plantas perfumadas, e de algum pé, colhe a melancia mais gostosa… Evolui, desde então, com Leopoldo num bailado especial… Enxerga ainda através da caixa enquanto atua… Bela… Prepara outra caixa, mais mágica ainda… Onde esconde o pomo de Lúcifer... Passa o tempo a regar orquídeas… Puxa o pé a espichar... Minhoca terráquea... Interpreta a graça do flamingo…

A EVASÃO

Carlitos e Brutus preparam-se para a luta... O ringue aceso espremido entre o público não deixa espaço para nada que venha tirar a atenção do evento... Murros lentos e contados prendem a atenção inevitavelmente... O juiz Lauro endireita as predileções bramidas pelos torcedores... A cada sangue escapado algo se movimenta... Vemos valises inclinadas entre cadeiras da plateia, e também chapéus de vários tipos; porque ilustram nossa sociedade avessa e alegre... Mulheres chiques agarram-se aos seus amantes aparecendo em flashes... A expressão surda dos lutadores arraiga o ódio detonando tudo o que nos faz enriquecer... Esperamos em corredores secretos sabendo transmitir... Somos interlocutores espiões... A ralé, o povo que habita os porões... Pois quem ama arredio inclui a sobriedade... Anotamos corroendo ao máximo, e sabemos dos donos do mundo... São piores do que nós... The outsiders... A confusão efetiva traz uma nova persona... Sarah Parker... Vestido brilhante vermelho e bolsa de pérolas-ostras... De repente tira sua pistola de dentro da bolsa e atira por baixo das pernas de Brutus matando Al Capone situado ao outro lado do ringue... Mas ninguém vê o acontecimento, porque a mira certeira de Sarah realiza-se de um modo irreal... Teletransporta-se qual Jessica Rabbit por ter a propriedade mágica de um desenho animado forjado, num meio fantástico, capaz de executar os destroços de um jeito anormal e fatal... O sangue espirra escrachando o rosto de Noel num fuzilamento infernal... Julgam ser o sangue vertido na luta... Querem ovos fritos e urram: -Brutal...! Carlitos Semente contorce os membros ensandecendo a plateia que continua aplaudindo alucinada... Aquela mulher sensual rouba a valise de Capone esfregando o corpo no fraque do velho gangster... Uma caçamba e um garrote... Romance belicoso entre eles, qual a mala do padre, esquecida na pia batismal, quando tentou exorcizar o garrote Capone... Morreu feito postal... Sai esta mesma dona, na dimensão de seu sonho, levando os lutadores premiados chicoteando com luvas, após passarem no caixa... Partem num Maverick prateado com um mandarim fincado à frente olhando o tesouro da gente que se acaba sonhado na luz de um holofote esverdeado permanecido em fosfato até espremerem o fim...

A VERDADEIRA FESTA

Saindo do drive-in, Lauro mantém o taxi aceso em neons... Dirige mesmo ainda sem a perna… O trambolho do dia é Sarah... Detonada estorva o jogo de baralho chegando à mansão... O quadro de Monalisa está retirado enobrecendo o Hallowen... La Parker... Moldou estátuas novas dos deuses gregos... Calado tal pingente, Lauro escuta roendo a sapatilha... O chão encera a sola e madame olha... Rejuvenescida... Pouco depois replicam sós ao jardim, e lá está estacionado o conversível dela... No balanço construído na árvore a moça plana... Num close de sua face demonstrada junto à vegetação... Romãs balançam ao vento e a balburdia do povo queima ao longe no rito pagão... Capuzes não cremam o preconceito... Maçonaria maldosa repete o que nos foi deixado... Ateiam fogo à Santa Casa... Só doentes respondem... Klu Klux Klan desgraçada! Os gaiatos do dia sacolejam premendo a cabeça falando: era uma noite vazia... Chacoalham os corpos gostosos para aproveitar a fornalha... Inventam o que há dentro da abóbora...

SACRIFÍCIO

Marta rega o jardim da igreja... Cuida... O marido e o filho trabalham... Javert, Joel... Leonardo está presente... Dani olha pela janela da cozinha... Acena... Marta aceita o convite... Descansam tomando o lanche preparado... Assistem à cena das bailarinas do circo na televisão arrumada na mesa com a toalha xadrez... O relevo do quadro é diferente... Não retrata os fatos... Descobrem elas, serem elas mesmas... Quais duplos de uma vida refratada... Os filhos e os maridos também... O chavão de suas presenças mitifica enquanto o cata-vento gira... Outro vaso de margaridas que fora enterrado ali gera abominação às rosas do jardim da igreja...

O preparo dos festejos de natal nos impediam de transitar na área da festa... A neve branda havia cessado logo cedo... Nosso grupo fiel de seis amigos perambulava e criava maneiras de passar o tempo em frente à praça... Queríamos participar antecipadamente do evento para nos distrair... Os organizadores da festa haviam cercado o espaço até chegarem os convivas esperados no começo da noite... Adoniram também estava lá e ajudava arrumar bandeiras de papel e luminárias... Preparávamos tudo com carinho, e surpresas seriam distribuídas... Nas cadeiras arranjadas o mogno era velho...

O circo não continuava mais lá... Esplêndido como era, partira prosseguindo viagem... Será que a companhia escondia um novo assassino? Quando Lúcio apareceu pela última vez durante a apresentação, estava nu balançando o famoso bercinho... Vovó Green viu pela janela, no céu, o Jumbo partindo com os artistas... Pairava levando o sonho impossível... Ela fotografou a partida, e no jornal ainda viu a fotografia que saiu impressa mostrando a figura de Dorothy sendo abraçada pelo rei Caruso... Imaginou Sra. Green versus Dorothy ladeadas no ringue pela tribo indígena... Seria a próxima luta... Escalpelariam ambas... Os seus netos arranhavam imunes as caixas secretas do que fora deixado pela arte... Lauro havia reforçado a armação da caixa mágica ouvindo fanfarra... Seu feitio esgarçava enquanto pintavam sua vida... Revoltava-se devolvendo a cabeça revista do palhaço sem ter paz... Marieta sumia e reaparecia absurda, ali dentro, sempre a saber de tudo... A magia os índios dominaram em ritos sagrados... Apesar da beleza da floresta, Ka nunca mais havia retornado... Participava do clima da praia, e seu estado nômade descobria novidades... Raiava dentro de si para acabar seu destino tranquilamente...

O trem apitava... Corcéis atiravam-se aos prados batendo as pernas a correr...

Durante a festa olhávamos para cima... A ver os fogos de artifício... Queríamos sair para viajar em foguetes... A previsão era boa... Antenas eriçadas das casas reverberavam à noite branda... Raios-X de nossos desejos... Pensávamos... Brincaríamos ainda em foguetes no alto dos edifícios que víamos pela televisão... Escorregaríamos por descidas imensas em aparelhos enormes... Tão bem encaixados e coloridos moldados em ferros... Nossas mães carecas assustariam os construtores da grandiosidade... Não haveria mais passagem de tempo... Na impossibilidade do acontecimento Senhora Green atirava a Leonardo o cinzel que havia ganhado na barraca de argolas... Estava dentro de um estojo... Mas pode cortar... Disse sarcástica... Leonardo fez a cara de um bode no tronco do carvalho da praça... Pregadas aos escrotos dos filhos as mães carecas sorviam suas essências quais seres de outro planeta transmutados e realizados ao tempo... Sementes ceifadas indicavam o caminho... Midiáticos, os filhinhos volviam... Continuavam gerados à estação do ano... Fraldas safáris protegiam-nos dos dentes das gestoras... Rumo à nova galáxia...

Escondemos a franja de nossos filhos em segredo...
O comprimento de lado
O perfil enrolado
Penteamos suas cabeças em uma escrita particular...
Golas brancas
Bem passadas...
Nossa pele reluzente de óleo denuncia nossas cabeças sem pelos...
Esperaremos homens vermelhos de cobre reluzentes como nós a gerarem filhos do futuro...

Os amigos Leonardo e Joel já crescidos nesse futuro estavam vários anos mais velhos... Imprimiam algo de si no viaduto onde se localizavam trafegando fundo e velozmente... Perturbavam de um modo cristão... Joel levava Leonardo... Haviam empanando seus cabelos em óleo... O carro deslizava... As rodas atritavam o asfalto zunindo... Tornavam o amargor um ofício bruto... Um molde de gesso servia em seus rostos a descansarem nas estradas... Fios coloridos pendiam de macieiras estratificadas...

Levaram nossos filhos... Replicavam as mães carecas... Serviam ao anjo da guarda visto sendo agarrado pelos cabelos à beira de um precipício por um arcanjo...

Leonardo tangia ovelhas qual rei Davi... Joel ajoelhado agradecia a Deus... Dobravam seu trajeto recobrando a memória da infância... Aceitavam a castidade de João e Maria em si...

O fio da meada... Caruso nos disse... A perna do palhaço ainda está comigo... Porque sozinho semeei a discórdia...

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#14



dez/jan / 2020

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina